OBRAS

DE

J. B. DE A. GARRETT.

IX.

(SEGUNDO DAS VIAGENS.)
VIAGENS

NA MINHA TERRA

POR J. B. DE ALMEIDA-GARRETT.

II.

LISBOA

NA TYPÓGRAFIA DA GAZETA DOS TRIBUNAIS.

1846.
CAPÍTULO XXVI.

Modo de ler os auctores antigos, e os modernos tambem. — Horácio na sacra-via. — Duarte Nunes iconoclasta da nossa historia. — A policia e os barcos de vapor. — Os vandalos do feliz sistema que nos rege, — Shakspeare lido em Inglaterra a um bom fogo, com um copo de old-sack sobre a banca. — Sir John Falstaff se foi maior homem que Sancho-Pansa? — Grande e importante descuberta archeologica sobre San'Thiago, San'Jorge e Sir John Falstaff. — Prova-se a viinda d'este ultimo a Portugal. — O entusiasta britannico no tumulo de Heloisa e Abeillard no Pere-la-Chaise. — Bentham e Camões. — Chega o auctor á sua janella, e pasmosa miragem poética produzida por umas oitavas dos Lusíadas. — De como emflm proseguem estas viagens para Santarem, e que feito sera de Joanninha.

Se eu for algum dia a Roma, heide entrar na cidade eterna com o meu Tito-Livio e o meu Tacito nas algibeiras do meu paletó de viagem. Alli, sentado n'aquellas ruinas immor...
taes, sei que heide intender melhor a sua história, que o texto dos grandes escriptores se me hade ilustrar com os monumentos d'arte que os viram escrever, e que uns recordam, outros presenciaram os feitos memoráveis, o progresso e a decadencia d'aquella civilização pasmosa.

E Juvenal e Horacio? o meu Horacio, o meu velho e fiel amigo Horacio!... Deve ser um prazer regio ir lendo pela sacra-via fora aquella deliciosa satyra, creio que a nona do L. I,

Ibam forte sacra via, sicut meas et mos,
Nescio quid meditans nugarum...

Deve, ser maior prazer ainda, muito maior do que beijar o pé ao papa. Parece-me a mim; mas como eu nunca fui a Roma...

E não é preciso. Pegue qualquer na bella chronica d'elrei D. Fernando, a que Duarte Nunes menos estragou...

O Duarte Nunes foi um reformador iconoclasta das nossas chronicas antigas, truncou todas as imagens, raspou toda a poesia d'aquellas vene-
randas e deliciosas sagas portuguezas... Em ponto histórico pouco mais eram do que sagas, verdade seja, mas como tais, lindas. E o Duarte Nunes, que era um pobre grammaticão sem gosto nem graça, foi-se às filagranas e arrendados de finíssimo lavour gotico, d’aquelles monumentos, quebrou-lh’os; ficaram só os traços históricos que eram muito pouca e muito incerta coisa; e cuidou que tinha arranjado uma história, tendo apenas destruído um poema. Ficámos sem Nibelungen, podendo-o ter, e não obtivemos história porque se não podia obter assim.

Pois digo: pegue qualquer na bella chronica d’elrei D. Fernando, obedeça á lei concorrendo com o seu cruzado-novo para o augmento e glória da benemerita companhia que tem o exclusivo d’esses caranguejos de vapor que andam e desandam no rio, entre n’um dos referidos caranguejos, em que, além da porcaria e mau-cheiro, não ha perigo nenhum senão o de rebentar toda aquella camara-optica que anda por arames, e que em qualquer paiz civilizado onde a policia fizesse alguma coisa mais do que imaginar conspirações, ha muito estaria condemnada a ir alli caranguejar para as Lamas á sua vontade. Mas
em fim cá não ha d'outros nem haverá tam cedo; graças ao muito que agora, diz que, se cuida nos interesses materiaes do paiz: e portanto tome o seu logar, passe o mesmo que eu passei; chegue-me a Santarem, descanse e ponha-se-me a ler a chronica: verá se não é outra coisa, verá se deante d'aquellas preciosas reliquias, ainda mutiladas, deformadas como ellas estão por tantos e tam successivos barbaros, estragadas em fim pelos peiores e mais vandalo de todos os vandalo, as auctoridades administrativas e municipaes do feliz sistema que nos rege, ainda assim mesmo não ve erguer-se deante de seus olhos os homens, as scenas dos tempos que foram; se não ouve fallar as pedras, bradar as inscripções, levantar-se as estátuas dos tumulos; e reviver-lhe a pintura toda, reverdecer-lhe toda a poesia d'aquellas edades maravilhosas!

Tenho-o experimentado muitas vezes: é infalivel. Nunca tinha intendid Shakspeare em quanto o não li em Warwick, ao pê de Avon, debaixo de um carvalho secular, á luz d'aquelle sol baço e branco do nublado ceo d'Albion... ou á noite com os pês no fender, a chaleira a ferver no fogão, e sobre a banca o crystal antigo de
Em bom copo lapidado a luzir-me alambreado com os doces e perfumados resplendores do old sack; em quanto o fogão e os ponderosos castiçais de cobre brunido projectam no antigo tecto almofada-dado, nos pardos compartimentos de carvalho que forram o apposento, aquellas fortes sombras va-cillantes de que as velhas fazem visões e almas-do-outro-mundo, de que os poetas — poetas como Shakspeare — fazem sombras de Banco, bruxas de Mackbeth, e até a rotunda pansa e o arrastante espadagão do meu particular amigo Sir John Falstaff, o inventor das legitimas consequencias, o fundador da grande eschola dos restauradores caturras, dos poltrões pugnazes que salvam a patria de parolla e que ninguém os atura em teudo as costas quentes.

Oh Falstaff, Falstaff! eu não sei se tu es maior homem que Sancho Pança. Creio que não. Mas maior pansa tens, mais capacidade na pansa tens. Quando nossos avós renegaram de San' Thiago por castelhano perro, e invocaram a San' Jorge, tu vieste, ó Falstaff, em sua comitiva de Inglaterra e aqui tomaste assento, aqui ficaste, e foste o patriarcha d'essa immensa progenie de Faltasfs que por ahí anda.
Este importante ponto da nossa história, da demissão de San’Thiago e da viada de San’Jorge de Inglaterra com Sir John Falstaff por seu 'homem-de-ferro' — é esta grande descoberta arqueológica que tanta coisa moderna explica, como a fiz eu? Indo aos sítios mesmos, estudando ali os antigos exemplares: que é a midha doutrina.

Em tudo, para tudo é assim. Chegou um dia um inglez a Paris: um inglez legitimo e cru, virgem de toda a corrupção continental; calça de ganga, sapato grosso, cabello de cenoura, chapeo fyllado na cova-do-ladrão. Era entusiasta de Heloisa e Abeillard, foi-se ao Pére-la-Chaise, chegou ao tumulo dos dois amantes, tirou um livrinho da algibeira, pôs-se a ler aquellas cartas do Paracleto que tem indoidecido muito menos excêntricas cabeças que a do meu inglez puerto-sangue. Não é nada; excitou-se a tal ponto que entrou a correr como um perdido, bradando por um conego da sé que lhe acudisse, que se queria identificar com o seu modelo, purificar a sua paixão, ser exxim um completo — ou um incompleto Abeillard.

Eu não sou susceptivel de tammanho enthu-
sismno, sobretudo desde que dei a minha demissão de poeta e cahi na prosa. Mas aqui tem o que me sucedeou o outro dia. Tinha estado às voltas com o meu Bentham, que é um grande homem por fim de contas o tal quaker, e são grandes livros os que elle escreveu: cançou-me i cabeça, peguei no Camões e fui para a janela. As minhas janelas agora são as primeiras janelas de Lisboa, dão em cheio por todo esse Tejo. Era uma d’estas brilhantes manhãs de hiverno, como as não ha senão em Lisboa. Abri os Lusiadas á ventura, deparei com o canto IV e puz-me a ler aquellas bellissimas estancias

E ja no porto da inclita Ulysséa...

Pouco a pouco amotinou-se-me o sangue, senti lateralm-me as arterias da fronte... as letras fugeim-me do livro, levantei os olhos, dei com elles na pobre nau Vasco-da-Gama que abhi está em monumento-caricatura da nossa glória naval... E eu não vi nada d’isso, vi o Tejo, vi a bandeira portugueza fluctuando com a brisa da manhã, a torre de Belém ao longe... e sonhei, sonhei que erá portuguez, que Portugal era outra vez Portugal.
Tal força deu o prestígio da cena às imagens que aquelas versos evocavam!

Senão quando, a nau que salva a uns escaleres que chegam... Era o ministro da marinha que ia a bordo.

Fechei o livro, acendi o meu charuto, e fui tratar das minhas camélias.

Andei três dias com ódio à letra-redonda.

Mas de tudo isto o que se tira, a que vem tudo isto para as minhas viagens ou para o episódio do vale de Santarem em que há tantos capítulos nos temos demorado?

Vem e vem muito: vem para mostrar que a história, lida ou contada nos próprios sitios em que se passou, tem outra graça e outra força; vem para te dar o motivo porque n’estas minhas viagens, leitor amigo, me fiquei parado n’aquelle valle a ouvir de meu companheiro de jornada, e a escrever para teu aproveitamento, a interessante história da menina dos rouxinões, da menina dos olhos verdes, da nossa boa Joanninha.
Sim, aqui tenho estado extendido no chão, às mulinhas pastando na relva, os arrieiros fumando tranquillemente sentados, e as últimas horas de uma longa e calmosa tarde de julho a cairir e a refrescar com a aragem percursora da noite.

Mas basta de valle, que é tarde. Oh lá! venham as mulinhas e montemos. Picar para Santarem, que no inclyto aleçaça d'elrei D. Affonso-Henriques nos espera um bom jantar d'amigo — e não é so a vacca e ríso de Fr. Bartholomeu dos Martyres, mas um verdadeiro jantar d'amigo, muito menos austero e muito mais risonho.

— 'Porquê? ja se acabou a historia de Carlos e de Joanninha?' diz talvez a amável leitora.

— 'Não, minha senhora,' responde o auctor mui lisonjeado da pergunta: 'não, minha senhora, a historia não acabou, quasi se pôde dizer que ainda ella agora começa; mas houve mutação de scena. Vamos a Santarem, que lá se passa o segundo acto.'
CAPÍTULO XXVII.

Chegada a Santarem. — Olivaes de Santarem. — Fóra-de-Vila. — Symetria que não é para os olhos. — Modo de medir os versos da bíblia. — Architectura pendante do século XVII. Entrada na Alcáçova.

Eram as últimas horas do dia quando chegámos ao princípio da calçada que leva ao alto de Santarem. A pouca frequencia do povo, as hortas e pomares mal cultivados, as casas de
tampo arruinadas, tudo indicava as vizinhanças de uma grande povoação descahida e desamparada. O mais bello comtudo de seus ornatos e glórias suburbanas, ainda o possui a nobre villa, não lho destruíram de todo; são os seus olivaes. Os olivaes de Santarem cuja riqueza e formosura proverbial é uma das nossas crenças populares mais geraes e mais queridas!... os olivaes de Santarem lá estão ainda. Reconheceu-os o meu coração e alegrou-se de os ver; saudei n'elles o symbolo patriarchal da nossa antiga existencia. N'aquelles trancos velhos e coroados de verdura, figurou-se-me ver, como nas selvas incantados do Tasso, as venerandas imagens de nossos passados; e no murmurio das folhas que o vento agitava a espacios, ouvir o triste suspirar de seus lamentos pela vergonhosa degeneração dos netos...

Estragado como os outros, profanado como todos, o olival de Santarem é ainda um monumento.

Os povos do meio-dia, infelizmente, não professam com o mesmo respeito e austeridade aquella religião dos bosques, tam sagrada para as nações do norte. Os olivaes de Santarem são ex-
cepção: há muito pouco entre nós o culto das árvores.

Subimos, a bom trotar das mulinhas, a impinada ladeira — eu alvoraçado e impaciente por me achar face a face com aquella profusão de monumentos e de ruínas que a imaginação me tinha figurado e que ora temia, ora desejava comparar com a realidade.

Chegámos enfim ao alto; a majestosa entrada da grande villa está deante de mim. Não me inganou a imaginação... grandiosa e magnífica cena!

_fora-de-villa_ é um vasto largo, irregular e caprichoso como um poema romântico; ao primeiro aspecto, aquella hora tardia e de pouca luz, é de um efeito admirável e sublime. Palacios, conventos, egrejas ocupam gravemente e tristemente os seus antigos logares, insleirados sem ordem aos lados d'aquella immensa praça, em que a vista dos olhos não acha simetria alguma; mas sente-se n'alma. É como o rythmo e mediação dos grandes versos bíblicos que se não cadenciam por pés nem por sílabas, mas caem cer-
tos no espírito e na audição interior com uma regularidade admirável.

E tudo deserto, tudo silencioso, mudo, morto! Cuidas-se entrar na grande metrópole de um povo extinto, de uma nação que foi poderosa e celebrada mas que desapareceu da face da terra e só deixou o monumento de suas construções gigantescas.

Á esquerda o imenso convento do Sítio ou de Jesus, logo o das Donas, depois o de San'Domingos, célebre pelo jazigo do nosso Fausto português — seja ditto sem irreverência à memória de San'Frei Gil que, é verdade, veio a ser grande santo, mas que primeiro foi grande bruxo. — Defronte o antiquíssimo mosteiro das Claras, e após as baixas arcadas gotícas de San'Francisco... de cujo último guardião, o austero Frei Diniz, tanta coisa te contei, amigo leitor, e tantas mais tenho ainda para te contar! Á direita o grandioso edifício philippino, perfeito exemplar da massissa e pedante arquitectura reaccionaria do século dezesette, o Collegio, typo largo e bello no seu genero, e quanto o seu genero pôde ser, das construções jesuíticas...
Não há alma, não há genio, não há espírito n’aquelas massas pesadas, sem elegância nem simplicidade; mas há uma certa grandeza que impõe, uma solidez travada, uma symetria de cálculo, umas proporções frias, mas bem assentadas e esquadriadas com método, que revelam o pensamento do século e do instituto que tanto o caracterizou.

Não são as fortes crenças da meia-idade que se elevam no arco agudo da ogiva; não é a relaxação florífera do século quinze e dezesseis que já vacilla entre o byzantino e o clássico, entre o mystico ideal do christianismo que arrefece e os symbolos materiaes do paganismo que acorda; não, aqui a renascença triunfou, e depois de triunfar, degenerou. É a inquisição, são os Jesuítas, são os Philippes, é a reacção cattólica edificando templos para que se creia e se ore, não porque se crê e se ora.

Até aqui o mosteiro e a cathedral, a ermida e o convento eram a expressão da idea popular, agora são a fórmula do pensamento governativo.

Alli estão—olhac para elles—defronte ums
dos outros, os monumentos das duas religiões, a qual mais expressivo e loquaz, dizendo mais claro que os livros, que os escritos, que as tradições, o pensamento das edades que os ergueram, e que alli os deixaram gravados sem saber o que faziam.

Mais embaixo, e no fundo d’esse declive, aquella massa negra é o resto ainda soberbo do ja immenso palácio dos condes de Unbão.

Rodeámos o largo e somos entrar em Marvília pelo lado do norte. Estamos dentro dos muros da antiga Santarem. Tam magnifica é a entrada, tam mesquinho é agora tudo ca dentro, a maior parte d’estas casas velhas sem serem antigas, d’estas ruas moirescas sem nada de arab, sem o menor vestigio de sua origem mais que a estreiteza e pouco accio.

As egrejas quasi todas porém, as muralhas e os bastiões, algumas das portas, e poucas habitações particulares, conservam bastante da physionomia antiga e fazem esquecer a vulgaridade do resto.
Seguimos a triste e pobre rua Direita, centro do debil comercio que ainda aqui ha: poucas e mal providas logeas, quasi nenhum movimento. Ca está a curiosa tórre das Cabaças, a velha egreja de San'João-de-Alpiarça. Amanhã iremos ver tudo isso de nosso vagar. Agora vamos à Alcaçova!

Entrámos a porta da antiga cidadella. — Que espantosa e desgraciosa confusão de intulhos, de pedras, de montes de terra e calissa! Não ha ruas, não ha caminhos, é um labirinto de ruinas feias e torpes. O nosso destino, a casa do nosso amigo é a pé mesmo da famosa e histórica egreja de Sancta Maria da Alcaçova. — Hade custar a achar em tanta confusão.
Depois de muito procurar achámos o auctor a egreja de Sancta Maria d’Alcaçova. — Styllo da architectura nacional perdido. — O terremoto de 1755, o marquez de Pombal e o chafariz do Passeio-publico de Lisboa — O chefe do partido progressista portuguez no acassar de D. AffonsoHenriques. — Deliciosa vista dos arredores de Santarem observada de uma janela da Alcaçova, de manhã. — É tomado o auctor de ideias vagas, poéticas, phantasticas como um sonho. — Introdução do Fausto. — Dificuldade de traduzir os veios germanicos nos nossos dialectos romanos.

Depois de muito procurar entre pardeiros e intullios, achámos-l-a emim a egreja de Sancta Maria d’Alcaçova. Achámos, não é exacto: ao menos eu, por mim, nunca a achava, nem
queria acreditar que fosse ella quando m'a mostraram. A real collegiada de Affonso Henriques, a quasi-cathedral da primeira villa do reino, um dos principaes, dos mais antigos, dos mais históricos templos de Portugal, isto?.. esse egrejorio insignificante de capuchos? mesquinha e ridicula massa d'alvenaria, sem nenhuma arquitectura, sem nenhum gosto! risco, execução e trabalho de um mestre pedreiro d'aldeia e do seu apprendiz! É impossível.

Mas era, era essa. A antiga capella-real, a veneranda egreja da Alcaçova foi passando por sucessivos reparos e transformações, até que chegou á esta miseria.

Perverteu-se por tal arte o gosto entre nós desde o meio do século passado especialmente, os estragos do terremoto grande quebraram por tal modo o fio de todas as tradições da arquitectura nacional, que na Europa, no mundo todo talvez se não ache um paiz onde, a par de tam bellos monumentos antigos como os nossos, se incontrem tam villans; tam ridiculas e absurdas construçoes publicas como essas quasi todas que ha um seculo se fazem em Portugal.
Nos reparos e reconstruções dos templos antigos é que este pessimo stylo, esta ausencia de todo stylo, de toda a arte mais offende e escandaliza.

Olhem aquella impena classica posta de remate ao frontispicio todo renascença da Conceição velha em Lisboa. Vejam a implastagem de geço com que estão mascarados os elegantes feixes de columnas gothicas da nossa se.

Não se pôde cahir mais baixo em architecture do que nós cahimos quando, depois que o marquez de Pombal nos traduziu, em vulgar e arrastada prosa, os roccós de Luiz XV, que no original, pelo menos, eram floridos, recortados, caprichosos e galantes como um madrigal, esse stylo bastardo, hybrido, degenerando progressivamente e tomando presumpções de classico, chegou nos nossos dias até ao chafariz do passeio público!

Mas deixar tudo isso, e deixar a egreja da Alcaçova também; entremos nos palacios de D. Alfonso Henriques.
Aqui, pegado com o pardeiro rebocado da capella hâode ser. Por onde se entra?

Por esta portinha estreita e baixa, rasgada, bem se ve que ha poucos annos, no que parece muro de um quintal ou de um pâteo.

É comessceto aqui; apeemo'-nos.

Recebem-nos com os braços abertos o nosso bom e sincero amigo, actual possuidor e habitante do regio alcassar, o Sr. M. P.

Notavel combinação do acaso! Que o illustre e venerando chefe do partido progressista em Portugal, que o homem de mais sinceras convicções democráticas, e que mais sinceramente as combina com o respeito e adhesão às formas monárchicas, esse homem, vindo do Minho, do berço da dynastia e da nação, viesse fixar aqui a sua residencia no alcassar do nosso primeiro rei, conquistado pela sua espada n'um dos feitos mais insignes d'aquella era de prodigios!

Entrámos na pequena horta em forma de claustro que une a antiga casa dos reis com a
sua capella. Assim foi sem dúvida n'outro tempo: a parede oriental da egreja é o muro do quintal de um lado, mas as comunicações foram vedadas provavelmente quando a coroa alienou o palácio e o separou assim perpetuamente do templo.

Plantada de larangeiras antigas, os muros forrados de limoeiros e parreiras, aquella pequena cerca, apezar dos muitos canteiros e alegretes de alvenaria com que está moirescamente intuída, é amena e graciosa à vista.

Apresenlou-nos o nosso amigo a sua mulher, senhora de porte gentil e grave; beijámos seus lindos filhos, e somos fazer as abluções indispensáveis depois de tal jornada para nos podermos sentar à mesa.

O palácio de Affonso Henriques está como a sua capella: nem o mais leve, nem o mais apagado vestigio da antiga origem. Sabe-se que é ali pela bem confrontada e inquestionável topographia dos logares, por mais mada...

E que me importam a mim agora as antiguida-
Vamos a jantar.

Comemos, conversámos, tomámos chá, tornámos a conversar e tornámos a comer. Vieram visitas, fallou-se política, fallou-se litteratura; fallou-se de Santarem sôbretudo, das suas ruínas, da sua grandeza antiga, da sua desgraça presente. Em fim, somo'-nos deitar.

Nunca dormi tam regalado somno em minha vida. Acordei no outro dia ao repicar incessante e appressurado dos sinos da Alcaçova. Saltei da cama, fui á jauella, e déi com o mais bello, o mais grandioso, e ao mesmo tempo, mais ameno quadro em que ainda puz os meus olhos.

No fundo de um largo valle aprazivel e sereno, está o socegado leito do Tejo, cuja areia ruiva e resplandecente apenas se cobre d'agua juncto ás margens, d'onde se debruçam verdes e frescos ainda os salgueiros que as ornam e defendem. D'além do rio, com os pés no pin-
gue nateiro d'aquellas terras alluviaes, os ricos olivedos d'Alpiarça e Almeirim; depois a villa de D. Manuel e a sua charneca e as suas vinhas. D'aquem a immensa planicie ditta do Rocio, semeada de casas, de aldeias, de hortas, de grupos de árvores sylvestres, de pomares. Mais para a raiz do monte em cujo cimo estou, o picturesco bairro da Ribeira com as suas casas e as suas egrejas, tam graciosas vistas d'aqui, a sua cruz de Sancta Iria e as memorias romanescas do seu alfageme.

Com os olhos vagando por este quadro immenso e formosissimo, a imaginação tomava-me azas e fugia pelo vago infinito das regiões ideaes. Recordações de todos os tempos, pensamentos de todo o genero me afliuam ao espirito, e me tinham como n'um sonho em que as imagens mais discordantes e disparatadas se succedem umas ás outras.

Mas eram todas melancholicas, todas de saudade, nenhuma de esperança!..

Lembraram-me aquelles versos de Goethe,
aquelles sublimes e inimitáveis versos da introdução do Fausto:

Resurgis outra vez, vagas figuras,
Vacillantes imagens que á turbada
Vista accudieiis d’antes. E heide agora
Reter-vos firme? Sinto eu ainda
O coração propenso a illusões d’essas?
E appertais tanto!... Pois embora! seja:
Dominae, ja que em nevoa e vapor leve
Emtorno a mim surgis. Sinto o meio seio
Jovenilmente trépido agitar-se
Co’a maga exhalação que vos circunda.
Trazeis-me a imagem de ditosos dias,
E d’ahi se ergue muita sombra amada:
Como um velho cantar meio esquecido,
Véem os primeiros simplices amores
E a amizade com elles. Reverdece
A mágoa, lamentando o errado curso
Dos labyrintheos da perdida vida;
E me está nomeando os que trabidos
Em horas bellas por fallaz ventura
Antes de mim na estrada se sumiram.

Não me atrevo a pôr aqui o resto da minha infeliz tradução: fiel é ella, mas não tem outro merito Quem pode traduzir tais versos, quem de uma lingua tam vasta e livre hade pas-
sá-los para os nossos appertados e severos dialectos romanos? *

* Transcrevemos aqui o original alemão, para se avaliar o que fica dicto no texto.

Ihr naht euch wieder, schwankende Gestalten,
Die früh sich einst dem trüben Blick gezeigt.
Versuch ich wohl euch diesmal fest zu halten?
Fühl' ich mein Herz noch jenem Wahn geneigt?
Ihr drängt euch zu! nun gut, so mögt ihr walten,
Wie ihr aus Dunst und Nebel um mich steigt;
Mein Busen fühlt sich jugendlich erschüttert
Vom Zauberhauch, der euren Zug umwittert.
Ihr bringt mit euch die Bilder froher Tage,
Und manche liebe Schatten steigen auf;
Gleich einer halbverklungen Sage
Commt erste Lieb' und Freundschaft mit herauf;
Der Schmerz wird neu, es wiederholt die klage
Des lehens labryintisch irren Lauf,
Und nennt die Guten, die, um schöne Stunden
Vom Glück getäuscht, vor mir ihmveggeschwunden.
**CAPITUTO XXIX.**


Este sonhar acordado, este scismar poetico deante dos sublimes spectaculos da natureza, é dos prazeres grandes que Deus concedeu ás almas de certa têmpera. Doce égosar assim... mas
em que doçuras da vida não predomina sempre o acido poderoso que stimula! Tirae-lh’o, fica a insipidez; deixae-lh’o, ulcera porfim os orgãos: o gosto é mais vivo porque a acção do stimulo é mais sentida... mas a ulceracao cresce, o coração está em carne-viva... agora o prazer é martyrio.

Infeliz do que chegou a esse estado!

Bemaventurado o que pôde graduar, como Goethe, a doze d’amphião que quer tomar, que poupa as sensações e a vida, e economiza as potencias de sua alma! N’esses porém é a imaginação que domina, não o sentimento. Byron, Schiller, Camões, o Tasso morreram moços; matou-os o coração. Homero e Goethe, Sophocles e Voltaire acabaram de velhos: sustinha-os a imaginação, que não despende vida porque não gasta sensibilidade.

Imaginar é sonhar, dorme e repousa a vida no entretanto; sentir é viver activamente, causa-a e consomme-a.

Isto é o que eu pensava — porque não pensa-
va em nada, divagava — em quanto aquelas versos de Fausto me estavam na memória, e aquella saudosa vista do Tejo e das suas margens deante dos olhos.

Isto pensava, isto escrevo; isto tinha n'alma; isto vai no papel: que d'outro modo não sei escrever.

Muito me pêza, leitor amigo, se outra coisa esperavas das minhas Viagens, se te falto, sem o querer, a promessas que julgaste ver nesse título, mas que eu não fiz decerto. Querias talvez que te contasse, marco a marco, as leguas da estrada? palmo a palmo, as alturas e larguras dos edifícios? algarismo por algarismo, as datas de sua fundação? que te resumisse a história de cada pedra, de cada ruina?..

Vai-te ao padre Vasconcellos; e quanto ha de Santarem, peta e verdade, ahí o acharás em amplo folio e gorda letra: eu não sei compor d'esses livros, e quando soubesse, tenho mais que fazer.

So tenho pena de uma coisa, é de ser tam
desestrado com o lapis na mão; porque em dois traços d'elle te dizia muito mais e melhor do que em tanta palavra que por sim tam pouco diz e tam mal pinta.

Santarém é um livro de pedra, em que a mais interessante e mais poetica parte das nossas chronicas está escripta. Rico de illuminuras, de recortados, de flóres, de imagens, de arabescos e arrendados primorosos, o livro era o mais bello e o mais precioso de Portugal. Inquadernado em esmalte de verde e prata pelo Tejo e por suas ribeiras, fechado a broches de bronze por suas fortes muralhas gothicas, o magnifico livro devia durar sempre em quanto a mão do Creador se não extendesse para apagar as memorias da criatura.

Mas esta Ninive não foi destruída, esta Pompeia não foi submergida por nenhuma catastrophe grandiosa. O povo de cuja historia ella é o livro, ainda existe; mas esse povo caiu em infancia, deram-lhe o livro para brincar, rasgou-o, mutilou-o, arrancou-lhe folha a folha, e fez papa-gaios e bonecas, fez carapuços com ellas.

Não se descreve por outro modo o que esta
gente chamada governo, chamada administração, está fazendo e deixando fazer há mais de século em Santarem.

As ruínas do tempo são tristes mas bellas, as que as revoluções trazem, ficam marcadas com o cunho solemne da história. Mas as brutas degradações e as mais brutas reparações da ignorância, os mesquinhos concertos da arte parasita, esses profanam, tiram todo o prestígio.

Tal é a geral impressão que me faz esta terra. Almocemos, que já ouço chamar para isso, e iremos ver depois se me inganhei.

Ao almoço a conversação veio naturalmente a cair no seu objecto mais óbvio, Santarem. D. Alfonso Henriques e os seus bravos, San Frei Gil e o Sancto-milagre, o Alfageme e o Condestável, o rei D. Fernando e a rainha D. Leonor, Camões desterrado aqui, Frei Luiz de Sousa aqui nascido, Pedralvarés Cabral, os Docemis, quasi todas as grandes figuras da nossa história passaram em revista. Por fim veio Sancta Iria também, a madrinha e padroeira d'esta terra, cujo nome aqui fez esquecer o de romanos e celtas.
Quem tem uma ideia fixa, em tudo a mette. 
A minha ideia fixa em coisas de arte e literarias da nossa península são xacaras e romances populares. Ha um de Sancta Iria.

Porque é a Sancta Iria da trova popular tam diferente da Santa Iria das legendas monasticas?

A trova é esta, segundo agora a rectifiquei e appurei pela collação de muitas e varias versões provinciaes com a ribatejana ou bordalenga, que em geral é a que mais se deve seguir. *

Stando eu à janela co’a minha almofada. 
Minha agulha d’ouro, meu dedal de prata;

Passa um cavalleiro, pedia pousada: 
Meu pae lh’a negou: quanto me custava!

— 'Ja vem vindo a noite, é tam so a estrada...
Senhor pae, não digam tal da nossa casa,

Que a um cavalleiro que pede pousada
Se fecha esta porta à noite cerrada.'

* Nas notas a Amoimda, vol. I do 'Romanceiro', nota N, citei differentemente esta copla pela imperfeita leção de um Ms. do Minho, unico que tinha à mão.
Roguei e pedi — muito lhe pezava!
Mas eu tanto fiz que por fim deixava.

Fui-lhe abrir a porta, mui contente entrava;
Ao lar o levei, logo se assentava.

Às mãos lhe dei água, elle se lavava;
Puz-lhe uma toalha, n'ella me limpava.

Poucas as palavras, que mal me fallava,
Mas eu bem sentia que elle me mirava.

Fui a erguer os olhos, mal os levantava.
Os seus lindos olhos na terra os pregava.

Fui-lhe pôr a cea. muito bem ceavá;
A cama lhe fiz, n'ella se deitava.

Dei-lhe as boas noites, não me replicava;
Tam mà cortezia nunca a vi usada!

La por meia noite que me eu suflacava,
Sinto que me levam co'a bôcca tapada...

Levam-me a cavallo, levam-me abraçada,
Correndo, correndo sempre à desfilada.

Sem abrir os olhos, vi quem me roubava;
Callei-me e chorei — elle não fallava.
D'allí muito longe que me perguntava
Eu na minha terra como me chamava.

— 'Chamavam-me Iria, Iria a fidalga;
Por aqui agora Iria, a cansada.' *

Andando, andando, toda a noite andava;
Lá por madrugada que me attentava...

Horas esquecidas commigo luctava;
Nem força nem rogos, tudo lhe mancava.

Tirou do alfange... allí me matava,
Abriu uma cova onde me interrava.

No fim de sette annos passa o cavalleiro,
Uma linda ermida viu n'aquelle outeiro.

— 'Minha Sancta Iria, meu amor primeiro,
Se me perdoares, serei teu romeiro.'

— 'Perdoar não te heide, ladrão carniceiro,
Que me degollaste que nem um cordeiro.'

Outra ticção, e talvez melhor diz a coitada.

Ou houve duas santas d'este nome, ambas de
aventurosasa vida e que ambas deixassem longa e pro-
funda memoria de sua belleza e martyrio — ő de
que não tenho a menor ideia — ou nos escriptos
dos frades há muita fabula de sua unica inven-
ção d'elles que o povo não quiz acreditar: alias
é inexplicável a singeleza d'esta tradição oral.

Tam simples, tam natural é a narração poe-
tica do romance popular, quanto é complicada e
cheia de maravilhas a que se auctoriza nas recor-
dações ecclesiasticas.

O caso é grave, fique para novo capítulo.
CAPÍTULO XXX.

Historia de Sancta Iria segundo os chronistas e segundo o romance popular.

A milagrosa Sancta Iria—Sancta Irene—que deu o seu nome a Santarem, donzella nobre, natural da antiga Nabancia, e freira

1 Thomar.
no convento dupplex ¹ benedictino que pastoreava o sancto abbade Celio, floreceu pelos meados do septimo seculo. Namorou-se d'ella extremosamente o joven Britaldo, filho do conde ou consul Castinaldo que governava aquellas terras, e não podendo conseguir nada de sua virtude, cahiou infeliz de molestia que nenhum physico acertava a conhecer, quanto mais a curar.

É sabido que a mais sancta lhe não pôza de que estejams a morrer por ella; e, mais ou menos, sempre sympathisa com as victimas que faz.

Sancta Iria resolveu consolar o pobre Britaldo; e ja que mais não podia por sua muita virtude, quiz ver se lhe tirava aquella louca paixão e o convertia. Sahu, uma bonita manhan, do seu convento — que não guardavam ainda as freiras tam absoluta e estreita clausura — e foi-se a casa do namorado Britaldo.

Consolou como mulher e ralhou como sancta, por fim, impondo-lhe na cabeça as lindas e bemdittas mãos, n'um instante o sarou de todo

¹ De frades e de freiras.
-acha que do corpo; e se lhe não curou o d' alma também, pelo menos lho adormentou, que parecia acabado.

... Mas como o demônio, em chegando a entrar n'um corpo humano, parece que não sai d' elle senão para se ir metter n'outro; tam depressa o inimigo deixou ao pobre Britaldo, como logo se foi incóixar em não menór personagem do que o monge Remígio, que era o mestre e director da bela Iria.

Arde o frade em concupiscência, e não obtendo nada com rogos e lamentos, juro vingar-se. Disfarçou porém, fingiu-se emendado, e derramou quando ella menos cuidava, uma bebida de sua diabólica preparação, que apenas a sancta havia tomado, lhe apareceram logo e continuaram a crescer todos os sinaes da mais aparente maternidade.

Corre a fama do supposto estado da donzella, chovem as injúrias e os insultos dos que mais a tinham respeitado até então. E Britaldo, que se julga escarnecido pela hypocrisia d'aquella mulher artificiosa, em yez de a esquecer com des-
prêzo—sente reviver-lhe, senão tam pura, mu- 
to mais ardente, toda a antiga paixão.

Tam mysterioso é o coração do homem!— 
tam vil! dirão os ascéticos— tam inexplicável! 
direi eu com os mais tolerantes.

Novas tentativas, promessas, ameaças do fu-
riouso amante... A sancta resiste a tudo, forte na 
sua virtude.

Costumava a devota douzella ir todas as noites 
a uma occulta lapa que jazia no fim da cérca e 
junto ao rio Nabão, para alli estar mais so com 
Deus, e desahafar com Elle á sua vontade. Sou-
be-o Britaldo, espreitou a occasião e alli a fez 
apunhalar por um seu criado cujo nome a legen-
da nos conservou para maior testunhio de ver-
dade: chamava-se Banam.

Banam! é um verdadeiro nome de melodrama.

Morta a inocente, Banam despiu-lhe o habi-
to e lançou o corpo ao rio, que depressa a le-
vou ás arrebatadas correntes do Zezere em que 
desagua; e logo este ao Tejo—que defronte da
antiga Scalabis castro lhe deu sepultura em suas louras árvores, para maior glória da sancta e perpétua honra da nobilíssima villa que hoje tem o seu nome.

Mas em quanto ia navegando o corpo da sancta, teve Celio, o abade do convento, uma revelação que lhe descobriu a verdade e os milagres do caso; e comunicando-a logo aos monges e ao povo de Nabancia, saiu com todos de cruz alçada, e foi por esses campos da Golegan fora, até chegar à Ribeira de Santarem. Ahi benzendo as águas do rio, estas se retiraram cortezes e deixaram ver o sepulcro que era de fino alabastra, obrado à maravilha pelas mãos dos anjos.

Chegaram aopé do tumulo, abriram-n’o, viram e toaram o corpo da sancta, mas não o poderam tirar, por mais diligencias que fizeram. Conheceu-se que era milagre; e contentando-se de levar reliquias dos cabellos e da tunica, voltaram todos para a sua terra.

As águas tornaram a junçar-se e a correr como d’antes, e nunca mais se abriram senão
d'ahi a seis séculos e meio, quando a boa rainha santa Isabel, mulher d'elreii D. Diniz, tam fervorosas orações, fez aopé do rio pedindo à santta que lhe aparecesse, que o rio tornou a abrir-se como o mar Vermelho à voz de Moises, dizem os devotos chronistas, e patenteou o bendito sepulchro.

Entrou a rainha a pé inchuto pelo rio dentro, seguida de seu real espôso e de toda a sua corte; mas por mais que rezasse ella, e que trabalhassem os outros com todas as forças humanas, não poderam abrir o tumulo; quebraram todas as ferramentas, era impossível. Desenganado elreii de que um poder sobrehumano não permitia que elle se abrisse, mandou a toda a pressa levantar um padrão muito alto sobre o mesmo tumulo, e tam alto que o rio na maior inchente o não podesse cubrir.

O rio esperou com toda a paciência que os pedreiros acabassem, e quando viu que podia continuar a correr, deu aviso, retiraram-se todos, tornaram-se a juntar as aguas e o padrão ficou sobresaindo por cima d'ellas.
Passaram mais três séculos e meio; e no ano de 1644 a camara de Santarem mandou re-fazer de cantaria lavrada o ditto marco ou pedestal que não era senão de alvenaria, e pôr-lhe em cima a imagem da sancta.

Ainda lá está, assás mal cuidado com tudo; lá o vi com estes olhos peccadores no corrente mez de julho de 1843. Mas, sem milagre nem orações, o rio tinha-se retirado, havia muito, para um cantinho do seu leito, e o padrão estava perfeitamente em secco, e em secco está todo o anno até começarem as cheias.

Tal é, em fidelíssimo resummo, a historia da Sancta Iria dos livres.

A das cantigas é, como ja disse, muito outra e muito mais simples, conta-se em duas palavras. A sancta está em casa de seus paes; um cavalheiro desconhecido, a quem dão pousada uma noite, levanta-se por horas mortas, rouba a des-cuidada e inocente donzella, foge a todo o correr de seu cavallo, e chegando a um descampado d'alli muito longe, pretende fazer-lhe violencia... A sancta resiste, elle matta-a. Dalli a an-
nos passo por ali o indigno cavalleiro, ve uma
linda ermida levantada no proprio sitio onde
cometteu o crime, pergunta de que sancta é,
dizem-lhe que é de Sancta Iria. Elle cai de joe-
llhos a pedir perdão á sancta, que lhe lança ent-
rosto o seu peccado e o amaldiçoaa.

E acabou a historia.

Seria o povo que se esqueceu nas suas tradi-
ções, ou os frades que augmentaram nas suas es-
cripturas? Pois a legenda monastica é realmen-
te bella e cheia de poesia e romance, coisas que
o povo não costuma desprezar.

É difícil de explicar-se este phenomeno, in-
teressantissimo para qualquer observador não vul-
gar, que n'estas crenças do commun, n'estas
antigualhas, desprezadas pela suberba philoso-
phia dos nescios, quer estudar os homens e as
nações e as edades onde elles mais sinceramente
se mostram e se deixam conhecer.

A extrema simplicidade do romance ou xaca-
ra de Sancta Iria, o ser elle, d'entre todos os
que andam na memoria do nosso povo, o
mais geralmente sabido e mais uniformemente respettado em todos os districtos do reino, e com poucas variantes nas palavras, nenhuma no contexto, me faz crer que está seja das mais antigas composições não só da nossa língua, mas de toda a península. A phase tem pouca sabor antigo: este é um d'aqueles poemas quasi aborignes que a tradição tem vindo entregando, e ao mesmo tempo traduzindo, de pais a filhos insensivelmente; e também não é por certo dos que desceram do palacio às choupanas e fugiram da cidade para as aldeas, como em muitos outros se conhece; este visivelmente nasceu nos arraias, nos oragos dos campos, e por lá tem vivido até agora.

A forma metrica da composição é a que a phrase didatica das Hispanhas chamou romance em endechas. Eu, adoptando para elle, mais que para a forma ordinaria do metro octosyllabo, a teoria do ingênoso philologo allemão, Deeping, tam bene-merito da nossa litteratura peninsular, creio que estes são verdadeiros versos de doze syllabas, e que as coplas não constam senão de dois versos cada uma, segundo a óbvia significação da palavra. O povo cantando não separa os hemisty-
chios d'estes versos como fazem os que os escrevem: e ao contrário nos romances da medida mais comum, o canto popular reparte distintamente cada membro de oito sílabas sobre si.

Não sei se me ingano, mas desconfio que as quatro coplas últimas, em que muda completamente a rhyma, sejam additamento posterior feito à cantiga original. Todavia estes oito versos aparecem, com ligeiras variantes, em toda parte.
CAPÍTULO XXXI.


Dram mais de dez horas da manhan quando sahimos a começar a longa viasacra de reliquias, templos e monumentos que sao hoje toda Santarem.

T. II.
A vida palpitante e actual acabou aqui inteiramente: hoje é um livro que so recorda o que foi. Entre a história maravilhosa do passado que todas estas pedras recordam, e as prophecias tremendas do futuro que parecem gravadas n'ellas em caracteres mysteriosos, não ha mais nada: o presente não é, ou é como se não fosse; tam pequeno, tam mesquinho, tam insignificante, tam desproporcionado parece a tudo isto.

Dá vontade de intoar com o poeta inspirado de Jerusalem: 'Quommodo sedet sola civitas!' Portugal é, foi sempre uma nação de miligre, de poesia. Desfizeram o prestigio; veremos como elle vive em prosa. Morrer, não morre a terra, nem a família, nem as raças: mas as nações deixam de existir.— Pois embora, ja que assim o querem. A mim não me fica escrupulo.

Passámos a igreja da Alcaçova, que achámos ja fechada; e tomando sempre sobre a esquerda, somos pelo que hoje parece uma azinhaga de entre quintas, mas que visivelmente foi n'outras eras a rua mais fashionavel d'esta villa cortezan. Aqui estão quasi aopé da igreja umas portas e janel-
las do mais fino labor e gosto mosarábê que me lembra de ter visto.

E a propósito, porque se não hade adoptar na nossa península está designação de mosarabê para caracterizar e classificar o genera architectonico especial nosso, em que o severo pensamento christião da arquitectura da meia edade se sente relaxar pelo contacto e exemplo dos habitos sensualio moirescos, e de sua luxuosa e redundante elegancia?

De que palacio incantado foram estas portas tam primorosamente lavradas? Que bellezas se debruçaram d'essas arrendadas janelas para ver passar o cavalleiro escolhido do seu coração? São tam lindas, tam eleganties ainda estas pedras desconjunctadas, e mal sustidas de um muro insosso e grosseiro que as facea, que naturalmente despertam a mais adormecida imaginação a quanto sonho de fadas e trovadores a poesia fez nascer dos mysterios da edade-média.

Pouco mais adeante está, em um mau nicho escalavrado e feio, um pretendido busto de D. Affonso Henriques, a que atribuem grande an-
tiguidade. Não me fez esse efeito a mim.

Chegámos á porta do Sol; sentamo’-nos alli a gosar da majestosa vista. É majestosa mas triste. A ribanceira que d’alli corta abaixo, até ao rio; é arida e quasi calva: cobrem-n’á apenas, como a mal povoada nuca de um velho, alguns tufos de verdura cinzenta e grisalha de um arbusto rasteiro, meio frutex meio herbaceo que aqui chamam ‘Salgadeira’ e que a tradicção diz ter vindo de Africa para segurar a terra n’estes taludes e precipícios. O aspecto e hábito da planta é realmente afriacano e oriental, não tem nada de europeu. Mas esta derradeira e occidental parte da nossa Hespanha é, geologicamente falando, ja tam africa, tam pouco europa, que não seria necessaria a transplantação talvez; e porventura ficou esta memoria entre o povo do uso que os moiros faziam da planta para esse fim.

Esta porta do sol dizem que é onde se faziam as execuções em tempos antigos. Foi bem escolhido o sitio; não o ha mais triste e melancholico. Apê está um torreão quadrado da muralha que abri forma canto para seguir depois na
direcção de sul a norte. D'este lado as fortificações e lanços de muro estão todas pouco estragadas; e do mirante a que subimos, pôde-se formar perfeita ideia do que era uma antiga cidade murada.

Seria aqui, dizia eu commigo, que o nosso Fr. Diniz de quem ja tenho saudades—o velho guardião de San'Francisco veio chorar o seu último threno sobre as ruinas da antiga monarchia? Seria aqui n'este logar de desolação e melancolia que correram as suas derradeiras lagrymas! E elle que ja não chorava, acharia aqui quem desse aos seus olhos as fontes de agua que o coração lhe pedia para se desafogar dos pezares que o rallavam na aridez e secura de sua desconsolada velhice?

Passavam-me estas ideas pelo pensamento quando o historiador que tantos capítulos nos retreve no vale, contando-nos os successos de Joanninha e da sua familia, nos disse:

*Sentemo-nos aqui na sombra que faz esta muralha e acabemos a historia da menina dos rouxinões. De tarde vamos a Ribeira saudar a me-
moría do Alfageme. Àmanhan de manhán estâ detalhado que iremos ver a Graça, o Santí milagre, San’ Domingos e San’ Francisco. Con- cluíamos hoje ésta historia.

‘Seja’ respondemos nós.

Entraremos portanto em novo capítulo, leitor amigo; e agora não tenhas medo das minhas di- gressões fataes, nem das interrupções a que sou sujeito. Irá direita e corrente a historia da noss- sa Joanninha até que a terminemos... em bem ou em mal? D’antes um romance, um drama em que não morria ninguem era havido por semsas- bór; hoje ha um certo horror ao tragico, ao funesto que perfeitamente quadra ao século das commodidades materiaes em que vivemos.

Pois, amigo e benevolo leitor, eu nem em principios nem em fins tenho escola a que es- teja sujeito, e heide contar o caso como elle foi.

Escuta.
CAPITULO XXXII.


'Escuta!' disse eu ao leitor benevol no fim do último capítulo. Mas não basta que escute, é preciso que tenha a bondade de se recordar do que ouviu no capítulo XXV e da situação em
que ali deixámos os dous primos, Carlos e Joaninha.

N'este despropositado e inclassificável livro das minhas \textit{Viagens}, não é que se quebre, mas in- \textit{reda-se o fio das histórias e das observações por tal modo, que, bem o vejo e o sinto, só com muita paciência se pode deslindar e seguir em tam imbaraçada meada.

Vamos pois com paciência, caro leitor; farei por ser breve e ir direito quanto eu podér.

Lembra-te como n'uma noite pura, serena e estrellada, aquelles dous se despediram um do outro no meio do valle, como se despediram tristes, duvidosos, infelizes, e ja outros, tam outros do que d'antes foram.

N'essa mesma noite, a ordenada confusão de um grande movimento de guerra reinava nos postos dos constitucionaes. À longa apathia de tantos mezes succedia uma inesperada actividade. Preparavam-se os sanguinolentos combates de Pernes e de Almoster, que não foram decisivos logo, mas que tanto apressaram o termo da contenda.
Carlos achou ordem de se apresentar no quartel-general, partiu imediatamente. O pensamento absorvido por ideias tam diferentes, tam confuso, tam alheado de si mesmo, seguiu macchinalmente o corpo. Foi, chegou, recebeu as instruções que lhe deram, e voltou mais satisfeito, mais tranquillo.

Tractava-se de morrer. Não sabe o que é verdadeira angústia d'alma o que ainda não abençoou a morte que viu deante de si, o que a não invocou ainda como único remédio de seu mal, ou, o que é mais desesperado, como unica sahida de suas fataes perplexidades.

Estes momentos são raros na vida, é certo; mas quando ocorrem, não ha exaggeração ne-nhuma em dizer que antes, muito antes a morte do que elles.

Oh! e se a morte que se contemple é de honra e glória, se o enthusiasmo, tirando fortemente a corda dos nervos, os faz vibrar n'aquelles tons secretos e mysteriosos que arrebatam, é elevam o coração do homem á sublime abnegação de si, e de tudo o que é piqueno, baixo e vil
na sua natureza — oh então a morte parece um triumpho, uma bemaventurança por certo!

Carlos esqueceu-se de tudo, menos da sua espada que afligiu com escrupuloso cuidado, e das suas boas e seguras pistolas inglesas que limpou minuciosamente, carregou e escorvou com um verdadeiro amor de artista que se compraz no último acabamento de um trabalho predilecto.

O pouco da noite que lhe restava passou-se n’isto, a marcha começou antes do dia. E os primeiros raios do sol foram saudados pelo fuzilar das espingardas e pelo trovejar dos canhões.

Combateu-se larga e incarniçadamente — como entre irmãos que se odeiam de todo o odio que já foi amor — o mais cruel ódio que tem a natureza!

O dia declinava já quando n’um hospital em Santarem entravam muitas maccas de feridos, e entre elles, um todo crivado de bolas e cuberto de sangue que, assim pelos restos do uniforme como por certo ar bem conhecido — e chare-
característico então, se via claramente ser do exército constitucional.

Eram muitas e perigosas as feridas d’esse homem; estenderam-n’o n’uma espécie de tarimba sobre que havia alguma palha, e quando lhe chegou a sua vez foi examinado e pençado como os outros. Não dava signal de padecer, tinha os olhos fechados, o pulso forte mas não agitado de febre; não proferia uma syllaba, não soltava um ai; e prestava-se a tudo o que lhe diziam e faziam, menos a soltar da mão esquerda que apertava contra o peito o que quer que fosse que ali tinha seguro e que lhe pendia ao pescosso de uma estreita fitta preta.

Assim o deixaram largo tempo: elle adormeceu. Não seria largo, mas foi profundo o seu dormir. Quando acordou ja se não viu no vasto caravanceray d’aquelle confuso hospital, mas n’um pequeno quarto arejado, limpo, e quasi confortável que em tudo parecia cella de convento, menos na boa cama em que jazia o doente, e na extremada elegancia do infermeiro que o velava.

O quarto era como feito uma cella do conven-
to de São Francisco em Santarem, o doente nosso Carlos; e o enfermeiro que o velava, uma bella mulher de estatura não acima de ordinaria mas nem uma linha menos, involvida nas amplíssimas pregas de um longo roupão de seda daquella acertada cor que, em dialecto da rua Vivienne, se diz scabieuse; a cabeça tocada de finíssima Bruxellas, com uns laços de preto e cor de granada que realçavam a transparência das rendas, a infinita graça dos longos e ondados anéis louros do cabello, e a pureza simétrica de um rosto oval, classico, perfeito, sem grande mobiliidade de expressão mas bello, bello, quanto pode ser bello um rosto em que pouco d'alma se reflects, e em que a serena languidez de uns olhos azues entità e modera a energia do sentimento que não é menos profundo talvez, mas certamente se expande menos.

De joelhos juncto ao leito de Carlos, com a mão direita d'elle nas suas, os olhos seccos mas fixos nas descabidas palpebras do soldado, aquella mulher estava allí como a estátua da dor e da anxiedade. A uma porta interior e que abria para uma especie de alcova obscura, em pé, os braços cruzados e mettidos nas mangas, o capuz
na cabeça, estava um frade velho, alto mas curvado do peso dos anos ou dos sofrimentos.

O frade contemplava o enfermo e a enfermeira, mas visivelmente não queria ser visto n'essa ocupação, porque ao menor estremecimento do doente recuava apressado e como assustado para o interior da sua alcova.

Uma só vela de cera alumniava este quadro, accidentando-o de fortes sombras, e dando-lhe um tom de solemnidade verdadeiramente mágico e sublime.

Carlos segurava ainda na esquerda com o mesmo afiêrro o relicário ou talisman, o que quer que era que não queria desprender de seu coração. A bela enfermeira beijava de vez em quando aquella mão tenaz que estremecia a cada beijo, por mais suave e mimoso que fosse o leve contacto d'esses lábios delicados.

A outra mão estava nas mãos d'ella, mas era insensível a tudo, essa.
O silêncio era o do sepulcro: só se ouvia o respirar incerto e descompassado do infermo.

Derepente Carlos entreabriu as palpebras e exclamou em inglês: ‘Oh Georgina, Georgina, I love you stil.’ — (Georgina, Georgina, eu ainda te amo).

Duas lágrimas — duas perolas, d’estas que se criam com tanta dor no coração e que às vezes sahem com tanto prazer dos olhos — romperam do celeste azul dos olhos da dama e suavemente correram por aquellas faces de uma alvura pallida e mortal.

Carlos accordou de todo, abriu os olhos e cravou-os fixamente no rosto angelico d’essa mulher.

Esteve assim minutos: ella não dizia nada nem de voz nem de gesto: fallavam-lhe só as lagrymas que corriam quietas, quietas, como corre uma fonte perenne e nativa d’água que mana sem esforço nem impeto, por um declive natural e facil.
— 'Onde estou eu, Georgina?'
— 'Nos meus braços.'
— 'Que me sucedeu?'
— 'Que não pôdes ser feliz senão n'elles; bem sabes.'
— 'Sei... devias saber.'
— 'Hasde sabe-lo agora. O passado...'
— 'O passado! qual?'
— 'O passado deixou de existir.'
— 'E o futuro?'
— 'Eu não creio no futuro.'
— 'Porquê?'
— 'Porque tu me disseste que não cresces.'
— 'Eu!... Eu sou um...
— 'Um homem.'

— 'Oh!'

— 'Basta e descansa. Amanhã falaremos.'

— 'Estou ferido, muito; e doe-me agora... não me doía.'

— 'Estás, mas sem perigo: e estou eu aqui. Dorme.'

— 'Não posso. Que casa é esta?'

— 'San Francisco de Santarem.'

— 'Deus de misericordia!'

— 'Es prisioneiro: sára, e eu te livrarei.'

— 'Tu! — E tu aqui, como?'

— 'Vim buscar-te, e achei-te assim.'

— 'Georgina!'
— Que tens tu ahí tam seguro na mão esquerda?
— Vê: a medalha com o teu cabelo.
— Então amas-me tu ainda?
— Se te amo! Como no primeiro...
— Não mintas, Carlos... E dorme.
— Oh meu Deus, meu Deus! Georgina aqui, eu n’este estado e... E a minha gente?
— A tua gente está salva.
— Aonde?
— Aqui mesmo, em Santarém.
— Quero... não quero... Oh sim, quero mas é morrer. Tende misericordia de mim, meu Deus!
— Socega, Carlos.

Mas Carlos não socegava: immudeceu porque
a torrente de seus pensamentos, e incontrado d'elles, e o incomparado d'aquella situação. Hie im-
bargavam a voz, e o quebrantamento das força lhe
tolhia os movimentos do corpo; mas o espírito
inquieto e alvoraçado revolvia-se dentro com um
phrenesi louco. Era pasmar o que elle soffria.

À força de bebidas calmantes o acesso dimi-
nuiu, a noite passou mais tranquilla; e pela ma-
nhã o doente não dava cuidado ao facultativo que
o veio vêr.

Prohibiram-lhe falar; e Georgina tinha a cor-
ragem de lhe resistir, de lhe não responder to-
das as vezes que elle tentava quebrar o preceito
de que dependia a sua vida... e a d'elle, porque
a infeliz amava-o... oh! amava-o como se não ama
senão uma vez n'este mundo.

Passaram dias, semanas, Carlos estava melhor,
estava salvo; Georgina pôde dizer-lhe um dia:

— 'Carlos, meu Carlos, tu estás livre de pe-
rigo, vou restituir-te aos teus.'

— 'Os meus!'
— 'Os teus. Tua avó, tua prima...'

— 'Joaninha! Oh! Joaninha...'

— 'Tua avó que também tem estado a morrer mas que em fim está escapa, ignora que tu estejas aqui. Occultámo-lo igualmente a tua prima.'

— 'Ah!'

— 'Sim, assentámos de lho não dizer a uma nem a outra até que tivéssemos certeza da tua melhora. Hoje porém vais ve-las. E eu...'

— 'Tu!'

— 'Eu não tenho aqui mais nada que fazer.'

— 'Georgina!'

— 'Carlos!'

— 'Tu ja me não amas?'

— 'Não.'
Seguiu-se um silêncio torvo e abafado como o da calma que precede as grandes tempestades. O rosto de Georgina estava impassível, Carlos estorcia-se debaixo de uma compressão horribil e incapaz de se descrever.
CAPÍTULO XXXIII.

Carlos e Georgina. Explicação. — Ja te não amo! palavra terrível. — Que o amor verdadeiro não é cego. — Frade no caso outra vez. Ecce iterum Crispinus; ca está o nosso Fr. Diniz comnosco.

— 'Tu ja me não amas, Georgina, tu!' exclamou Carlos depois de uma longa e penosa lucta consigo mesmo: 'Ja me não amas tu, Georgina? Ja não sou nada para ti n'este
mundo? Aquelle amor cego, louco, infinito, que derramavas em torrentes sobre a minha alma, em que trasbordava o teu coração; aquelle amor que eu cheguei a persuadir-me que era o maior, o mais sincero, talvez o único verdadeiro amor de mulher que ainda houve no mundo, esse amor acabou, Georgina? Seccou-se no teu peito a fonte celeste d'onde manava? Nem as recordações de nossa passada felicidade, nem as memórias dos cruéis lance s que nos custou, dos sacrifícios tremendos que por mim fizeste, nada, nada pode acordar na tua alma um eco, um echo sumido que fosse: da antiga harmonia de nossas vidas — da nossa vida, Georgina, porque nós chegámos a confundir n'um só os dois seres da nossa existência — Oh! porque vivi eu até este dia? E tu, tu que refinada crueldade te inspirou a salvar uma vida que tínhas condenado, que tínhas sacrificado quando a separaste da tua?

— 'Carlos,' respondeu Georgina com a fria mas compassiva piedade que mais o desesperava: — 'Carlos', não abuses da pouca saúde que ainda tens. O esforço de alma que estás fazendo pode-te ser prejudicial. Socég a. Tu illudes-te, e
sem querer, procura iludir-me também a mim. Entra em ti, Carlos, e discorramos pausadamente sobre a nossa situação, que não é agradável por certo nem para um nem para outro, mas que pôde supportar-se se tivermos juízo para a incarar toda e sem medo, e para nos convencermos com lealdade e franqueza do que ella realmente é. Ouve-me, Carlos: tu amaste-me muito...

— 'Oh como, oh quanto! Nenhum homem,...'

— 'Poucos homens, é certo, amaram ainda como tu... quem sabe! talvez nenhum. — Não quero perder esta última ilusão... ja não tenho outra... Talvez nenhum amou como tu me amaste ou... ou cuidaste amar-me. Eu... oh! eu quiz-te... pelo eterno Deus que me ouve!— eu quiz-te com uma cegueira d'alma, n'uma singeleza do coração, com um abandono tam completo, uma abnegação tam inteira de mim mesma, que realmente creio, este é o amor que só a Deus se deve, que so ao Creador a creatura pôde consagrar licitamente.

— Bem castigada estou: mereci-o.'
— "Georgina, Georgina!"

— 'Deixa-me, quero desabafar eu também agora. Ouve-me, tens obrigação de me ouvir. Se te dei provas deste amor, tu o sabes; se desde que te amei, uma palavra, um gesto, um pensamento único, um só e o mais leve relampiquejar da imaginação desmentiu em mim d'esta absoluta e exclusiva dedicação de todo o meu ser... dize-o tu.'

— 'Não, minha alma, não, minha vida, não; tu és um anjo, tu és...'

— 'Sou uma mulher que te amava como creio que ordinariamente se não ama.'

— 'Não, certo, não.'

— 'Fomos felizes, é verdade; e creio que poucos amantes ainda foram tam felizes como nós nos breves dias que isto durou. — Tu partiste para a tua ilha; era forçoso partir, conheci-o e resignei-me. Consolavam-me as tuas cartas, as tuas cartas de fogo, escriptas, oh se o eram! escriptas com o mais puro sangue do teu cora-
ção. Nunca duvidei do que me elas diziam: não se mente assim, tu não mentias então. É falso que o amor seja cego; o amor vulgar pôde ser-lo, amor como o meu, o amor verdadeiro tem olhos de lynce; eu bem via que era amada. Nunca me escreveste a protestar fidelidade, e eu sabia, eu via que tu me eras fiel.—Assim passaram meses, anos. Na ilha e no Porto foste o mesmo. Eu padecia muito, mas confortava-me, vivia de esperanças... triste viver mas doce! Em vôo vieste para Lisboa, para aqui... e as tuas cartas que não eram menos ternas nem menos apaixonadas...

—'Se eu nunca deixei, nem um momento...'

Com um gesto expressivo, e de suave mas resoluta denegação, Georgina pôs a mão na boca do pobre Carlos, como para o impedir de dizer uma blasphemia. Elle segurou-a com as suas ambas e lha beijou mil vezes com um arrebata-mento, uma furia, num paroxismo de lagrymas e de soluços, que partiriam o coração ao mais indiferente. Commoveu-se, vacilhou a inalterável rigidez do bello rosto da dama, abaixaram-
se as longas palpebras de seus olhos; mas se chegou até elas alguma lagrzyma mais rebelde, prém-pita refluin para o coração, porque ao levantá-los outra vez e ao fixá-los tranquilamente nós do seu amante, aquelas olhos puros, celestes e austeros como os de um anjo ofendido, estavam secos.

Ella continuou:

— 'As tuas cartas, que não eram menos fervidá, nem menos apaixonadas, começaram todavia a ser menos naturais, mais incárcraidas... eram menos verdadeiras por força. Senti-o, vi-o, e cuidei morrer: Uma família da minha amizade vinha então para Portugal, acompanhei-a. Apenas cheguei, procurei e obtive os meios seguros de transitar pelos dois campos contendores: presagiavam-me o coração que me havia de ser preciso. E foi; chegou ao valle no dia em que tu o deixavas para aquella fatal acção que te in cus-tando a vida. Vim-te encontrar prisioneiro e meio morto no hospital dos feridos. Aopé de ti estava um frade...'

— 'Um frade! Meu Deus, se seria elle? '
—‘Era elle.’

—‘Pois tu sabes?..’

—‘Sei: eu disse-lhe quem era e o que tu me eras...’

—‘Tu a elle... disseste?..’

—‘Disse. Não sei se fiz mal ou bem, sei que me não importava o que fazia. Vi depois que me não inganara na confiança que posera n’elle. Trouxemos-te para este convento, tratámos de ti, conseguimos salvar-te a vida... E em quanto esse cuidado me livrava de outros, fui... fui feliz. A tua gente... a tua família do vale também veio para Santarem... tua avó e tua prima, Carlos...’

—‘Joanninha! Joanninha está aqui?’

—‘Está; sôeega: e ja t’o disse, logo a verás.’

—‘Eu! Eu para quê? E não quero...’
— 'Quero eu: hasde ve-la. Ja sabes que sei tudo.'

— 'Tudo o quê, Georgina?'

— 'Queres que t'o repitta? Repetirei. Que tu amas tua prima, que ella que te adora. E por Deus, Carlos eu ja lhe quero como se sôra minha irman. Intendes bem agora que te não amo? Comprehendes agora que tudo acabou entre nós, e que não vejo, não posso ver em ti ja senão o espôso, o marido da innocente criança que to-mei debaixo da minha protecção, e a quem juro que hasde pertencer tu?'

— 'Juras falso.'

— 'Como assim! Pois queres mais victims? Não estás satisfeito com a minha ruina? Eu ao-menos não sou do teu sangue. E essa velha decrepita que é tua avô, que duas vezes foi em verdade tua mãe porque te criou, — essa innocente que te ama na singelleza do seu coração... e esse pobre frade velho...'

— 'Oh! aqui anda elle, bem o vejo, aqui
anda o genio mau da minha familia. Maldito se-jas tu, frade!

O desgraçado não acabára bem de pronunciar éstas palavras, quando a porta da alcova se abriu de par em par, e a rigida, ascetica figura de Fr. Diniz estava deante d'elle.
CAPÍTULO XXXIV.

Carlos, Georgina e Fr. Diniz. — A peripécia do drama.

Carlos estava meio sentado meio deitado num longa cadeira de recôsto; Georgina em pé, com os braços cruzados e na atitude de reflexiva tranquilidade. Um sol brilhante e arden-
te, um sol de maio, feria os estreitos vidros da pequena janela que só dava luz àquelle quarto: a excessiva claridade era veidata por uma longa e ampla cortina.

Carlos lançou derepente a mão a essa cortina e a afastou para avivar a luz do aposento. Um raio agudíssimo de sol foi bater direito no macerado rosto do frade, e reflectiu de seus olhos incovados, um como relâmpago de ira celeste que fez estremecer os dous amantes.

Não foi porém senão relâmpago; sumiu-se, apagou-se logo. Aquelles olhos ficaram mortaes, mudos, fixos, invidiaçados como os de um homem que acabou de expirar e a quem não cerraram ainda as palpebras.

E assim mesmo aquelles olhos tinham o poder magnetico de fixar os outros, de os não deixar nem pestanejar.

Corvo, incostado a um bordão grosseiro, o seu chapeo alvadio debaixo do braço, o frade deu alguns passos tremulos para onde estavam os dous, arrastando a custo as sôltas alpercatas que davam
um som baço e batido, e faziam — não sei por quê nem como — estremecer a quem as sentia.

Parou a pouca distância, e tirando a voz fraca e tenue, mas vibrante e solene, do íntimo do peito, disse para Carlos:

— Tu mal disseste-me, filho, e eu venho perdoar-te. Tu detestas-me, Carlos, de todos os poderes da tua alma, com toda a energia de teu coração; e eu venho-te dizer que te amo, que tomara dar a minha vida por ti, que do fundo da intranhas se ergue este imenso amor que não tem outro igual, a pedir-te misericórdia, a clamar-te em nome de Deus e da natureza, a pedir-te, por quanto há santos no céu e de respeito na terra, que levantes essa maldição, filho, de cima da cabeça de um moribundo.

Eram dittas em tal som estas vozes, vinham pronunciadas lá de dentro d’alma com tal vehe-mência, que lhas não articulavam os lábios, rompiam-n’os elias e sahiam.

O soldado parecia desacordado, confuso e sem inteligencia do que ouvia. Georgina impas-

T. II.
sivel até alli, rigida e inabalavel cem o seu amante, sentia commover-se agora d'aquella angústia do velho. É que partia pedras a dor que vinha n'aquellas fallas sepulchraes, que trassudava d'aquelle rosto cadaverico.

Ao mesmo tempo, um som confuso, um tumulto vago e abalado de mil sons que pareciam arredar-se, incontrando-se, tornando, indo e vindo, e dispersando-se para se tornar a unir, e tornando a dispersar-se e nsim, reboava ao longe pela villa, extendia-se nas praças, concentrava-se nas ruas, e mandava aquella solitaria e remota cella do convento uns echos surdos, como os do mar ao longe quando se retira da praia no murmurar melancholico que precede um temporal d'equinoxio.

— "Ouves esse borburinho confuso, Carlos? É a tua causa que triumpha, e a d'estes loucos que succumbe, é a de Deus que a si mesmo se desamparou. A hora está chegada, escreveram-se as letras de Balthasar; a confusão e a morte reinam sóe senheras na face da terra. Eu quero ir morrer onde haja Deus... Perdoae-me, Se-
nhor, a blasphemia!.. onde o seu nome não seja profanado e maldito...

Ao canto de uma pedra, debaixo de uma árvore houve ser, n'algum logar escuso d'essas charnecas, onde me não rasguem aumenos está mortalha, e mãa não insultem nos últimos instantes, porque eu sou frade, frade, frade... o maldito frade! Mas frade quero morrer, e heide morrer. Oh! assim tivera eu vivido!

— 'Mas que foi, que succedeu?'

— 'O resto do exército realista evacua n'este momento Santarem; vão em fuga para o Além-tejo. Os constitucionaes venceram na Asseiceira, e tudo está ditto para nós. Para mim, Carlos, falta uma palavra só: quererás tu dizê-la?'

— 'Eu?'

— 'Sim tu, Carlos. Revoca as palavras terríveis que proferiste, e em nome de Deus, filho, perdoa a teu...

A Carlos revolvia-se-lhe no peito uma gran-
de lucta. O horror, a compaixão, o odio, a piedade iam e vinham-lhe alternadamente do coração às faces, e tornavam do rosto para o peito. Uma exclamação involuntaria lhe rebentou dos labios em meio d'este combate:

— 'Padre, padre! e quem assacino meu pae, quem cegou minha avó, e quem cubriu de infamia a minha... a toda a minha familia?'

— 'Tens razão, Carlos, fui eu; eu fiz tudo isso: mata-me. Mas oh! mata-me, mata-me por tuas mãos, e não me maldigas. Mata-me, mata-me. É decreto da divina justiça que seja assim. Oh! assim meu Deus! ás mãos d'elle, Senhor! Seja, e a vossa vontade se faça...'

O frade caiu de bruços no chão, e com as mãos postas e extendidas para o mancebo, clamava:

— 'Mate-me, mata-me! aqui ha pouca vida ja: basta que me ponhas o pé sobre o pescoço; esmaga assim o reptil venenoso que mordeu na tua familia e que fez a sua desgraça e a de quantos o amaram. Sim, Carlos, sê tu o executor das
ítras divinas. Mata-me. Tantos annos de peniten-
cia e de remorsos nada fizeram; mata-me, livra-
me de mim e da íra de Deus que me persegue.
CAPITULO XXXV.

Reunião de toda a família. — Explicação dos mistérios. — O coração da mulher. — Parriendidio. — Carlos beija em fim a mão a Fr. Diniz e abraça a pobre da avó.

Georgina disse para Carlos:

— 'Dá a mão a esse homem, levanta-o e diz-lhe as palavras de perdão que te pede.'
Carlos fez um gesto expressivo de horror e de repugnância. Georgina ajoelhou aopé do frade, tomou as mãos d'elle nas suas, e lhes affagou compiedade; depois levantou-lhe o rosto, incostou-o a si e gradualmente e foi accalmando. O velho parecia uma criança mimada e sentida que se vai acalantando nos braços da mãe: agora só murmurava de vez em quando alguns soluços, a mais e a mais raros.

Estavam de joelhos ambos, o frade e a dama; elle mal se tinha, ella amparava em seus braços e contra seu peito o amortecido corpo do velho. E Georgina disse com aquelle som de voz irresistível que as filhas de Eva herdaram de sua primeira mãe, e que a elle ou lh'ô tinham antes insinado os anjos, ou o aprendeu depois da serpente, — um som de voz que é a ultima e a mais decisiva da seduções femininas — disse:

— 'Este homem vai morrer, Carlos; e tu hasde-o deixar morrer assim, meu Carlos?'

Todo o odio, todas as ofensas se callaram, desapareceram deante d'aquellas palavras do anjo supplicante. Meu Carlos ditto assim, não o ouvira
elle ha muito tempo, não lhe pôde resistir: estendeu os braços para o frade, caiu de joelhos após d'elle, e um só abraço uniu a todos tres.

Como no eterno grupo de Lacoonte, o velho e os dois mancebos sentiam estreitar-se das cobras da mesma dor, e asfogavam junctos da mesma angústia.

Assim estiveram longamente; e não se ouvia entre elles senão algum gemido sôlto, e aquelle sussurrar sumido das lagrymas que mais se ouve com o coração do que com os ouvidos.

O frade disse enfim com uma voz apenas perceptível de timida e de fraca:

— ‘Carlos, meu Carlos, perdoa também... oh perdoa à memória de tua desgraçada mãe!’

O mancebo saltou convulsamente como o cadáver na pilha galvanica. Em pé, hírto, horrível, tremendo, exclamou com um brado de trovão:

— ‘Démonio! démonio incarnado em figura de homem, que vieste recordar-me? Dizias bem
indagora, monstro: so ás minhas mãos deves morrer. E hasde!

Lançou-se a um enorme velador de pau-santo que lhe jazia apê, massa terrível d'Hercules, e bastante a fender craneos de ferro, quanto mais a descarnada cabeça do frade! D'ambas as mãos a levava no ar; e o velho estendeu para elle a cabeça como na auria de morrer... Georgina fechou involuntariamente os olhos, e um grande e medonho crime ia consumar-se...

Dous gritos agudíssimos, dous gritos de desespero e de terror, d'aquelles que so sahem da boca do homem quando suspenso entre a morte e a vida—soaram repentinamente no apposento; uma velha decrepita e meia morta, arrastada por uma criança de pouco mais de dezesseis annos, estava deante de Carlos, e ambas cubriam com seus debelos corpos a fragil e extenuada figura da sua vítima.

—'Filho, meu filho!' arrancou a velha com stertor do peito: 'é teu pae meu filho. Este homem é teu pae, Carlos.'
O ponderoso velador cahiui inerte das mãos do mancebo, e rolou pesado e baço pelo pavimento. Carlos cahiui por terra sem sentidos. De um pulo Georgina estava aopé d'elle, e o fez incostar na longa cadeira do braços. Estava lavado em sangue; era uma ferida do pescoco que o excesso da commoção lhe fizera rebentar. Os dois velhos vieram ajoelhar-se aopé d'elle. As duas mulheres moças lidavam pelo restaurar e lhe estancar o sangue. A cambrai dos lenços, as rendas do col-lo e das cabeças, tudo se fez em ataduras e compressas: o sangue parou em fim.

Admirável belleza do coração feminino, generosa qualidade que todos seus infinitos defeitos faz esquecer e perdoar! Essas duas mulheres amavam esse homem. Esse homem não merecia tal amor: não, por Deus! o monstro amava-as a ambas: está tudo ditto. E elhas que o sabiam, elhas que o sentiam, e que o julgavam digno de mil mortes, elhas rivalizavam de cuidados e de ancia para o salvarem.

De tanto não somos capazes nós.

E por isso admirámos tanto.
E perdoámos tanto.

E esquecêmos tanto.

Mas amar tanto, não sabemos: verdade, verdade...

Amámos melhor; sim, isso sim: tanto não.

O mancebo permanecia em delíquio. Fr. Diniz e a velha rezavam. Georgina e Joanninha — ja vereis que era Joanninha — olharam uma para a outra, coraram e ficaram suspensas. A ingleza estendeu a mão à amável criança, extremeceu involuntariamente, mas disse-lhe com firmeza:

— 'O ditto ditto, Joanninha! Eu ja o não amo; prometto.'

— 'Eu amo-o cada vez mais, Georgina: elle é tam infeliz!'

— 'Juras-me tu de o não deixar, de velar por elle sempre, de o defender de si mesmo que é o peior inimigo que tem?'
— 'Se juro!'

— 'Então adeus, Joanninha! Eu estou de mais aqui. Jà tenho ouvido o que não devia ouvir. Os segredos da tua família não me pertencem. O coração d'esse homem não é meu, nem o quero. É um nobre e grande coração, Joanninha; mas... Não te deixes dominar por elle se o queres segurar. Adeus! — Santarém está desamparada pelos realistas; eu vou para Lisboa. Consola tua boa avó, e esse pobre velho. E]le não é tão criminoso, estou certa...'

— 'Oh não! Carlos cuida-o assassino de seu pae; e é falso. Minha avó ja me disse tudo.'

— 'Falso!' murmurou Carlos sem abrir os olhos: 'é falso? Pois não foi elle que matou meu pae?'

— 'Não, filho, clamou a velha: 'não, meu filho; teu pae é este infeliz.'

— 'E minha mãe?'

— 'Tua mãe... e eu somos duas desgraçadas.'
Que mais queres saber? Tua mãe amou esse homem...

— 'Ah!' disse Carlos: 'ah!' e abriu os olhos pasmados para a avó e para o frade que cravaram os seus no chão, e ficaram como dois réos na presença do seu inflexível juiz.

— 'Mas esse homem que é... que por força queren que seja meu... meu pai... Sancto Deus! elle matou o outro.'

— 'Defendi-me, foi defendendo esta vida miséravel... Oh nunca em o fizeram! E para quê? Paraque quiz eu viver? Para isto!'

— 'E meu tio, o pai de Joanninha? Também esse era preciso que morresse?'

— 'Ambos se junctaram para me assassinar, e me acocommeteram atraçoadamente na charneca. Não os conheci; foi de noite escura e cerrada. Defendi-me sem saber de quem, e tive a desgraça de salvar a minha vida á custa da d'elles. Filho, filho, não queiras nunca sentir o que eu senti, quando pegando, um a um, nesses cada-
veres para os lançar no rio, conheci as minhas vítimas... Era hiorno, a cheia ia de valle a monte: quando abateu e se acharam os corpos já meios desfeitos, ninguém conheceu a morte de que morreram; passaram por se ter afogado. Ninguém mais soube a verdade senão eu — e tua infeliz mãe a quem o disse para meu castigo, a quem vi morrer de pezar e de remorsos, que expirou nos meus braços chorando por elle, e maldizendo-me a mim. Não seria bastante castigo, meu filho? — Não foi, não. Este burrel que ha tantos annos me roça no corpo, estes cilícios que m’o desfazem, os jejuns, as vigílias, as orações nada obtiveram ainda de Deus. A sua íra não me deixa, a sua cholera vai até a sepultura sobre mim... Se me perseguirá além d’ella!...

Fez-se aqui um silencio horroroso: ninguém respirava; o frade proseguiu:

— 'Não me dei por bastante castigado com a agonia de tua mãe, a mais horrorosa e desesperada agonia que ainda presenciei, eu meu Deus!.. Tive o cruel ânimo de explicar a tua avó as negras circunstâncias d’aquella morte, e de lhe patentear toda a fealdade e hiedigkeit de
meu crime. Rasguei-lhe o coração, e vi-lhe sahir sangue e água pelos olhos, até que lhe cegaram. Que mais queres? Cuidei que podia morrer sem passar por esta derradeira expiação. Deus não o quis. Aqui estou penitente a teus pés, filho. Aqui está o assassino de tua mãe, de seu marido, de teu tio... o algoz e a desonra de tua família toda. — Faze de mim como sôr tua vontade. Sou teu pai...

— 'Mau pai!.. Misericordia meu Deus!'

— 'Misericordia, filho, e perdão para teu pai!'

Carlos levantou-se deliberadamente, veio ao velho, tomou-o a peso nos braços, foi sentá-lo na cadeira que acabava de deixar, e pondo-se de joelhos, beijou-lhe a mão em silencio. Depois foi abraçar-se com a avó, que o apalpava soffregamente com as mãos trémulas, e murmurava baixo:

— 'Agora sim, ja posso morrer, ja posso morrer porque o abracei, porque o senti juncto a mim, o meu filho, o filho da minha filha querida..."
Carlos é que não proferiu mais palavra; tinha-se-lhe rompido corda no coração, que ou lhe quebrára o sentimento ou lhe não deixava expressar. Sahiu da cela fazendo signal que vinha logo: mas esperaram-n'ol em vão... não tornou.

D'ahi a tres dias, veio uma carta d'elhe, de juncto d'Evora onde estava com o exército constitucional.
CAPÍTULO XXXVI.


— Pois já se acabou a história de Joanninha?

— Não, de todo ainda não.
— Falta muito?

— Também não é muito.

— Seja o que for, acabemos; que está a gente impaciente por saber como se concluiu tudo isso, o que fez o frade, o que foi feito da ingleza, Joanninha e a avó que caminho levaram, e o pobre Carlos se...

— Pois interessam-se por Carlos, um homem immoral, sem princípios, sem coração, que fazia a corte — fazer a corte ainda não é nada — que amava duas mulheres ao mesmo tempo? Horror, horror! como dizem os dramaticos românticos: horror e maldição!

— Horror seja, horror será... e horror é, sem dúvida. E maldição que deitaram ao pobre homem. Mas immoralidade! Immoralidade é inganar, é mentir, é atraçinar: e elle não o fez. Desgraça grande ter um coração assim; mas não me digam que é prova de o não ter. Eu digo que elle tinha coração de mais: o que é um defeito e grande, é um estado pathológico e anormal. Physicamente produz a morte; e mo-
ralmente pôde matar também o sentimento. Bem o creio: mas é molestia commum, e com que vai vivendo muita gente, até que um dia...

— Um dia, o orgam, que progressivamente se foi dilatando, não pôde funcionar mais, cessa a circulação e a vida. Deve ser horrivel morte!

— Fallam physicamente?

— Physicamente. Mas no moral anda pelo mesmo. E se esse é o defeito de Carlos...

— Sentir muito?

— Não; ter sentido muito: que o coração, como orgam moral, não se dilata a esse ponto senão pelo demaziado excesso e violencia de sensações que o gastaram e relaxaram. Se esse é o defeito, a molestia de Carlos, digo que ja sei o fim da sua historia sem a ouvir.

— Então qual foi?

— Que um bello dia caiu no indifferentismo absoluto, que se fez o que chamam sceptico,
que lhe morreu o coração para todo o affecto generoso, e que deu em homem politico ou em agiota.

— Pôde ser.

— Mas qual das duas foi, deputado ou barão? queremos saber.

— Saberão.

— Queremos já.

— E se fossem ambas?

— Oh horror, horror, maldicção, inferno! Ferros em braza, demonios pretos, vermelhos, azues, de todas as côres! Aqui sim que toda a artelharia grossa do romantismo deve cair em massa sobre esse monstro, esse...

— Esse quê? Pois em se acabando o coração à gente...

— Eu não creio n’isso. Acaba-se lá o coração a ninguem!..
 Houve gargalhada geral á custa do pobre incrédulo, e levantamo’-nos para ir ver o Sancto-milagre, que era a hora apprazada, e estava o prior á nossa espera.

Ámanhan o fim da historia da menina dos olhos verdes.

No caminho incontrámos o nosso antigo amigo, o barão de P. — barão de outro genero, e que não pertence á familia lineana que n’esta obra procurámos classificar para illustração do século — cavalheiro generoso, e typo bem raro ja hoje da antiga nobreza das nossas provincias, com todos os seus brios e com toda a sua cortezia d’outro tempo, que em tanto relevo destaca da grosseria villan d’essas notabilidades improvisadas...

Vinha em nossa procura para nos guiar. Seguimo-lo.

Fomos de passagem observando algumas das mais interessantes coisas d’aquella interessantissimete terra em que se não pôde dar um passo sem que a reflexão ou a imaginação incontré objecto
para se entreter. Inclinando um pouco á direita, démos na celebrada porta de Atamarma.

Por aqui entrou D. Affonso Henriques, por aqui foi aquella destemida surpresa que lhe in-\[tre\]gou Santarem, e acabou para sempre com o domínio arábé n'esta terra.

Os ilustrados municipaes Santarenos têm ti-\[do por vezes o nobre e generoso pensamento de demolir esta porta! o arco de triumpho de Af-\[fonso Henriques, o mais nobre monumento de Portugal!\]

A idea é digna da epocha.

Felizmente parece que tem faltado o dinheiro para a demolição; e o senatusconsulto dos dis-\[gnos padres conscriptos não pôde ainda execu-\[tar-se.

Não que eu creia este arco o genuíno arco moiresco por onde entraram os bravos de D. Af-\[fonso; mas creio que essa porta da antiga villa se foi reparando,concertando e conservando em suas successivas alterações, até chegar ao que hoje es-
tá: e ainda assim como está, é um monumento de respeito que só barbáros pensariam desacatar e destruir.

Porcima d'ella está uma capellinha de N. S. da Victoria; quer a tradição que primeiro er-guida e consagrada à Virgem pelo heroico fundador da monarquia e da independência portugueza. Este é um dos muitos pontos em que a religião das tradições deve ser respeitada e crida sem grandes exames, porque nada ganha a crítica em pôr dúvidas, e o espírito nacional perde muito em as aceitar.

Deixá-la estar a Virgem da Victoria sobre o arco de Affonso Henriques. Prostremo-nos e adorremos, como bons portugueses, o símbolo da fé cristã e da fé patriótica levantado pelas mãos insangüentadas do triunfador!

Mas seria elle ou não que levantou essa capellinha? os documentos faltam, os escritores contemporâneos guardam silêncio; a história deve ser rigorosa e verdadeira...

Deve; e os grandes factos importantes que fa-
sem epoca são as balizas da historia de uma na-
ção, também eu os regeitarei sem dô quando lhes
faltarem essas authênticas indispensaveis. Agora
as circunstancias, para assim dizer, episodicas
de um grande feito sabido e provado, quem as
conservará senão forem os poetas, as tradições,
e os grande poeta de todos, o grande guardador
de tradições, o povo?

Em creio na Senhora da Victoria de Santarem,
e em muitos outros sanctos e sanctas, que a re-
ligião do povo tem por esses nichos e por essas
capellas e por esses cruzeiros de Portugal, a re-
cordar memorias de que se não lavrou outro
auto, não se escreveu outra escriptura, de que
não ha outro documento, e que os frades chro-
niqueiros não julgaram dever escrever no livro
de terça ou de noa, em nenhum livro preto nem
incarnado, porque o tinham por melhor escrip-
to e mais bem guardado nos livros de pedra em
que estava.

Coitados! não contaram com os apperfeixoado-
res, reparadores e demolidores das futuras civi-
lizações que, para pôr as coisas em ordem, tiram
primeiro tudo do seu logar.
A camara de Santarem, não podendo demo-
lir o arco, tomou um meio termo que appósto
que ninguem é capaz de adivinhar. Afforou a ca-
pella por cima d'elle, com altar, com sanctos e
tudo: e assim esteve afforada alguns annos, não
sei paraquê nem porquê; o caso é que esteve.

O anno passado porém (1842) começou a ma-
ifestar-se esta reacção religiosa que os especu-
ladores quizeram logo converter em ganancia pes-
soal, descontando-a no mercado das agiotagens
facciosas; mas perdem o seu tempo, iuda bem!
Veio, digo, esta reacção nas ideas das gentes;
e a capella da Senhora da Victoria sôbre o arco,
não sei tambem como nem porquê, foi desaffo-
rada, e restituida ao culto popular.

Subimos a ver a capella por dentro: é um
risacimento ridiculo e misaravel, sem nenhuma
da solemnidade do antigo, nem elegancia moder-
na alguma.

Desappontou-me tristemente. Vamos ao Sancto-
to-milagre depressa, que me quero reconciliar
com Santarem; e ja começa a ser dificil.
Mas é injustiça minha. Que culpa tem ella, coitada?

Ai Santarem, Santarem, abandonaram-te, mataram-te, e agora cospem-te no cadaver.

Santarem, Santarem, levanta a tua cabeça coroadía de tórrres e de mosteiros, de palacios e de templos!

Mira-te no Tejo. princeza das nossas villas: e verás como eras bella e grande, ricca e poderosa entre toda as terras portuguezas.

Ergue-te, esqueleto colossal da nossa grandeza, e mira-te no Tejo: verás como ainda são grandes e fortes esses ossos desconjuntados que te restam.

Ergue-te, esqueleto de morte, levanta a tua foice, sacode os vermes que te poluem, esmaga os reptis que te corroem, as osgas torpes que te babam, as lagartixas peçonhentas que se passiam atrevidas por teu sepulcro deshonrado.

Ergue-te Santarem, e dize ao ingrato Portu-
gal que te deixe em paz ao menos nas tuas ruínas, myrrhar tranquillemente os teus ossos gloriosos; que te deixe em seus cofres de mármore, sagrados pelos annos e pela veneração antiga, as cinzas dos teus captaes, dos teus letrados e grandes homens.

Dize-lhe que te não vendam as pedras de teus templos, que não façam palheiros e estrebarias de tuas egrejas; que não mandem os soldados jogar a pella com as caveiras dos teus reis, e a bilharda com as cannellas dos teus sanctos.

Tiraram-te os teus magistrados, os teus mestres, os teus seminarios... tudo, menos o intulho e a caliça, as immundices e os monturos que deixaram acumular em tuas ruas, que espalharam por tuas praças.

Santarem, nobre Santarem, a Liberdade não é inimiga da religião do ceo nem da religião da terra. Sem ambas não vive, degenera, corrompe-se, e em seus próprios desvairios se suicida.

A religião do Christo é a mãe da Liberdade, a religião do Patriotismo a sua companheira. O
que não respeita os templos, os monumentos de uma e outra, é mau amigo da Liberdade, deshonra-a, deixa-a em desamparo, intrega-a à irrisão e ao odio do povo.

Vamos ao Sancto-milagre.
CAPITULO XXXVII.


Inclinámos o nosso caminho para a esquerda, e somos passar deante do arrendado e elegante frontispicio gothico da Graça. A ausencia de não sei que regedor, ou insignificante.
sonagem de igual importância que tem as chaves da egreja e convento, nos fez perder toda a esperança de visitar a sepultura de Pedr'álvares Cabral que alli jaz, assim como outras bellas e interessantes antiguidades de não menor preço.

Fomos seguindo até casa do barão d'A., outro illegítimo, porque não pertence aos barões assinalados.

Que, sem passar além da Taprobana,
No velho Portugal edificaram
Novo reino que tanto sublimaram.

Incontrámo-lo prompto a acompanhar-nos, e a presidir, como juiz da irmandade que é, à grande cerimônia da exposição e ostensão do Sanctum milagre.

Junctos descêmos à egreja, que é perto.

A egreja pequena e do peior gosto moderno por dentro e por fora. Notável não tem nada se não uns quatro medalhões de pedra lavrada com bustos de homens e mulheres em relevo que visivelmente pertenceram a edificação antiga, e que actualmen-
Os bustos são de puro e finíssimo lavor gothicó, altos de relévo e desenhados com uma franqueza que se não incontra em esculturas muito posteriores.

São talvez reliquias da primitiva egreja do Sancto-milagre que nas successivas reedificações se teem ido conservando. Abençoado seja o escrupuloso que as salvou d'este último melhora-mento que houve no desgraçado e desgracioso templo: o que não foi ha muitos annos por certo.

Chamo gothicó ao lavor d'aquellas cabeças por que é a phrase vulgar e impropria usada de toda a gente: segundo ja observei n'outra parte, com mais exacção se devera dizer mosarabe.

Chegou o prior, o Sr. juiz deu as suas ordens, vieram uns poucos de irmãos com tochas, distribuíram-nos a cada um de nós a sua, e proces- sionalmente nos dirigimos á porta lateral do altar-mor, da qual se sobe, por uma escada as-sás larga e commoda, á espacie de cami-

T. II.
rim que está paralelo com o mais alto do throno em que perpetuamente se conserva o grande paladio santareno.

Subimos, acompanhados do prior em sobrepeliz e estola; chegados ao alto, ajoelhamos em roda d'elle que subiu a uns degrausinhos, abriu, com a chave dourada que trazia pendente ao pecosso, uma como porta de sacrario; depois ajoelhou, incensou, tornou a ajoelhar, disse alguns versetos a que respondeu o sacristão, e finalmente tirou de seu repositório uma especie de ambula de ouro de fabrica antiga, mas não mais antiga que o decimo sexto, ou decimo quinto seculo, quando muito.

Depois de nos inclinarmos e receber a bençam que o padre nos deitou com a reliquia, foi-nos permittido erguer-nos, e chegar perto para ver e observar.

Entre uns cristaes ja bem velhos e imbaciados se descobre comeffeito o pequeno vulto amarellado-escuro que piedosamente se crê ser o resto da particula consagrada que a judia roubara para seus feitiços.
Escuso contar a história do Sancto-milagre de Santarem que toda a gente sabe. O bom do prior, ex-frade trino gordo e bem conservado, não nos perdoou o menor ponto d'ella, que tivemos de ouvir com a maior compuncção.

Incerrada outra vez a ambula com as mesmas solemnidades, entrámos em conversação com o prior.

N'aquelle mesmo camarim juncto a devota reliquia se conservaram, por espaço de cinco ou seis annos, se bem me recordo do que o bom do parocho nos contou, os restos mortaes da seubora infanta D. Maria da Assumpção, que fallécêra em Santarem nos ultimos mezes da occupação d'aquella villa pelas forças realistas. O cadaver, mal imbalsemado e com mas drogas, foi mettido n'um caixão de folha de Flandres. Em pouco tempo a corrupção estragou e rompeu a folba, e uma infecção terrivel apestava a egreja. Soffreu-se isto annos, representou-se ao governo por vezes, mas nenhuma resolução se pôde obter. Até que afinal, declarando o prior que, se não mandavam tomar conta d'aquelles tristes restos da pobre princeza, elle se via obri-
gado a mettê-los na terra, foi-lhe respondido que fizesse como intendas; e elle intendeu que os devia sepultar no cruzeiro da egreja, como fez, do lado da epistola, isto é, á direita.

E ahi jaz em sepultura raza, sem mais distincção nem epitaphio, a muito alta e poderosa princeza D. Maria, filha do muito alto e poderoso principe D. João o VI, rei de Portugal, imperador do Brazil, e da conquista e navegação etc.

Assim é o mundo, as suas grandezas e as suas glórias!

A visita ao Sancto-milagre não é completa sem se ir ver a casa onde elle se operou. Conservou-se ella por alguns seculos em grande veneração, e em mil seiscentos e tantos se converteu por fim em capella. Hoje está abandonada, chove em toda ella, e apenas tem uma má porta que a defende das incursões dos animaes. Pena e desleixo grande, porque é elegante e graciosa a capelinha, lavrada de bons marmores no melhor gosto do decimo-sexto seculo, de renascentença ja muito adiantada no classico:
um verdadeiro typo do stylo philippino, que tanto predomina n’essa época em toda a península.

A historia do Sancto-milagre de Santarem muitas vezes tem andado ligada com a historia do reino; e já n’este século, no tempo da guerra da independencia, veio prender com um dos factos mais importantes, e também com a mais curiosa e cómica aventura de que em Lisboa há memória.

Alludo nada menos que ao ‘homem das botas.’ E perdoem-me as senhoras beatas a irreverência apparente, que bem sabem não ser eu de motejar com as coisas sérias e sanctas. Mas o facto é que a historia do Sancto-milagre está ligada com a célebre historia do ‘homem das botas.’

Saiba pois o leitor contemporaneo; e saiba a posteridade, para cuja instrução principalmente escrevo este douto livro, que pela invasão de Massena, o grande paladino scalabitano foi mandado recolher a Lisboa, e ahi se conservou alguns annos até muito depois da completa retirada dos francezes.
Passado todo o perigo de que o exército invasor roubasse — ou profanasse — que era o mais provável — a sancta reliquia, começou a reclamá-la o senado e povo santareno, e a mostrar muito pouca vontade de lh’a restituir o senado e povo ulyssiponense. Era uma questão d’entre Alba e Roma que dava serio cuidado aos reflectidos Numas da regencia do Rocio.

Em poucas preplexidades tam graves se viu quelle pobre governo que tantas teve, e de quasi todas se saiu tam mal.

Não assim d’esta, que a evitou com o mais inesperado e admiravel stratagema, digno do ornar os maravilhosos fastos do grande Aaroun el-Raschid, ou de qualquer outro príncipe de bom humor, d’esses poucos felizes, que em felizes tempos reinaram a brincar, e zombaram com o seu povo, mas fazendo-o rir.

Pois, senhores, apertada se via a regencia d’estes reinos com a restituição do Sancto-milagre que era de justiça fazer-se a Santarem, mas que Lisboa recusava, e ameaçava impedir. Temia-se alborôto no povo.
Não sei de quem foi o alvitre, mas foi de maganão de bom gosto; e bom gosto teve também o governo em o aceitar e aproveitar. Para o dia em que o Sancto-milagre devia sahir de Lisboa Tejo acima, e que se esperava fosse com grande solemnidade e pompa ecclesiastica,—fez-se anunciar por cartazes que um fulano de tal passaria o rio, de Lisboa a Almada, em umas botas de cortiça nas quae se teria direito e inchuto, navegando a pé sem mais embarcação, vela nem remo.

A logração era gorda e grande; melhor e mais depressa foi ingullida. No dia apprazado despovou-se a capital, e uns em barcos outros por navios, outros por essas praias abaixo, tudo se encheu de gente de todas as classes, e todos passaram o melhor do dia á espera do homem das botas.

No entanto, muito surrateiramente imbarcava o Sancto-milagre no seu barco de agua-arriba, e navegava com vento e maré para as ditosas ribeiras de Santarem.

Ninguem o viu sahir, nem soube novas d'elle em Lisboa senão quando constou da sua chega-
da a Santarem; e das grandes festas que lhe fizeram aquelas saudosos e devotos povos ribatejanos.

Os Aarouns-el-Raschids do Rocio riram de soccapa: e nunca tam inocentemente se riu governo algum de ter inganado o povo.

Nós celebrámos a historia como ella merecia, e fomos jantar á Alcaçova, para irmos de tarde ver a Ribeira, e procurar os vestigios do seu inclyto albageme.

Esperava-nos comefeito em casa do nosso bom hóspede, nos regios paços de Alfonso Henriques, um esplendido jantar a que assistiram quasi todos os cavalheiros da terra. — Não que-
ro dizer as notabilidades, por ser palavra per-
ralvilha a que tenho invencivel zanga. — As igua-
rias de legítima escola portugueza, não menos
saborosas e delicadas por aparecerem estremes
de sautés e salmis extrangeirados. Brilharam só-
bre tudo os productos das duas grandes vendi-
mas rivaes, do Ribatejo e Ribadouro. Foi largo
e alegre o jantar.

Acabámos tarde, montamos logo a cavallo,
e pela porta de Atamarma descémos á Ribeira;
era quasi sol posto quando lá chegámos.

É o suburbio democratico da nobre villa, hoje
o ricco e o forte d’ella. Faz lembrar aquellas al-
deas que se criaram á sombra dos castellos feu-
daes e que, libertas, depois, da oppressora pro-
tecção, cresceram e ingrossaram em substancia
e força: o castello, esse está vazio e em ru-
nas.

Por aqui se faz quasi todo o commercio da Extre-
madura e Beira com o Alentejo. Os habitantes
laboriosos e activos conservam os antigos brios e
independencia do character primitivo: é a unica
parte viva de Santarem.
Cruzamos a povoação em todos os sentidos, procurando rastrear algum vestígio, confrontar algum sitio onde podéssemos colocar, pela mais atrevida supposição que fosse, a tenda do nosso alfageme com as suas espadas bem ‘corregidas’, as suas armaduras luzentes e bem postas — e o jovem Nun’alvares passeando ali por pé, ao longo do rio — como diz a chronica — namorado d’aquel-la perfeição de trabalho, e dando a ‘corregir’ a bela espada velha de seu pae ao rustico profeta que tantos vaticinios de grandeza lhe fez, que o saudou condestavel, conde d’Ourem esal-vador da sua patria.

Nada podemos descubrir com que a imaginação se illudisse siquer, que nos desse, com mais ou menos anachronismo, uma leve base tam-somente para reconstruirmos a gothica morada do célebre cutileiro-propheta que a historia herdou das chronicas romanescas, e hoje o romance outra vez reclama da historia.

Em Santarem ha poucas casas particulares que se possam dizer verdadeiramente antigas; na Rib- beira, nenhuma. As implastagens e replastagens successivas teem anachronizado tudo. É uma se-
liz expressão do Sr. Conde de Raczinski bem aplicada por elle ao estado de quasi todos os nossos monumentos, é esta de anachronismo.

Mas alli, na villa alta ou Marvilla, no Santarem propriamente ditto, ha os templos, os conventos, a cerca das murthas que todavia conservam a phystonomia historica da terra; aqui nem isso ha.

Voltei completamente desappontado da Ribeira, isto é, da sua pedra e cal: gosto immenso da sua gente.

Outra surpreza de mui diferente genero nos esperava á noite em Marvilla, na elegante salão da B. d'A. com quem somos tomar cha.

Em meio das ruinas e desconforto d'aquelles desertos e mortos pardeiros circumstantes, ir encontrar uma casa em plena florescencia de civilização e de vida; ver a amabilidade e a elegancia fazendo graciosamente as horas d'elle — por mais que se devesse esperar — sempre espanta a primeira vista: parecia golpe de varinha de cou-
dão.
Em tam agradável e joven companhia todas as ideias archeologicas se desvaneceram, apezar de dous ou tres fosseis que alli appareciam para se não perder detodo a côr local talvez.

Largamente se conversou, de Lisboa principalmente, dos nossos mutuos amigos, das festas do ultimo hynverno, das probabilidades que se deviam esperar do futuro.

Rallhámos muito da sociedade portugueza; exaltámos Paris e Londres e não sei se Pekim e Nankim tambem, e concluimos que antes Timbokotuo do que a seccante capital do nosso pobre reino. E contudo estávamos com saudades d'ella; e concessão d'aqui, concessão d'alli, viemos a que não era tam má terra como isso.

Adimiravel condicção da natureza humana, que tudo nos parece melhor e menos feio quando visto de longe!

O haile público mais semsabor, detestavel de barulho e confusão, em que, para reponsar os olhos n'um rosto conhecido e agradavel, foi preciso furar por entre centenas de cotovellos bar-
baros que se não sabe d’onde vieram, levar des-salmadas pisadellas do dançante noviço, do de-putado recemchegado, e das botas novas do no-vo director de la Galocha — e, mais horrivel que tudo! ver as absurdas toiletes, os penteados fa-bulosos, as caras ineríveis e as antidiluvianas fi-guras de tanta mulher feia e desastrada... pois esse mesmo balé, quando ja não é senão remi-niscencia que acorda no meio do infado ronceiro de uma terra de província, parece outro. As lu-zes, as flores, a musica, toda aquella animação lembra com prazer, o mais esquece, e involun-tariamente se descai um pobre homem a suspi-rar por elle.

A soirée mais massante, de piano obrigado, com dueto das manas, polka das primas e casi-no das tias velhas — recordada em eguas cir-cumstancias, também ja não accede á memória senão como uma reunião escolhida e intima, de facil e doce tracto... oh! o verdadeiro prazer da sociedade.

Pois o theatre... Que se lembre alguém, na província dos martyrios que soffreu o ouvido com os berros da prima-dona, as desafinações do te-
nor, ou com e infadonho resonar d’aquella adormecida orchestra de San’Carlos!

A injoativa tradução de uma comedia da Rua-dos-condes, roída de incuravél syphilis, figura-se avelludada de todas as graças do stylo de Scribe,

E o destempêro original de um drama plusquam romantico, laureado das imarcessiveis palmas do Conservatorio para eterno abrimento das nossas bôccas! Lá de longe applaude-o a gente com furor, e esquece-se que sumou todo o primeiro acto ca fora, que dormiu no segundo, e conversou nos outros, até á infallivel scena da xacara, do subterraneo, do cemiterio, ou quejanda; eu que a dama, soltos os cabellos e em penteador branco, indoncede de rigor,—o gallan, passando a mão pela teste, tira do profundo thorax os tres ahs! do stylo, e promete matar seu proprio pae que lhe appareça——o centro perde o centro de gravidade, o barbas arrepella as barbas... e maldicção, maldicção, inferno!... ‘Ah mulher indigna, tu não sabes que n’este peito ha um coração, que d’este co-ração sahem umas arterias, d’estas arterias umas veias—e que n’estas veias corre sau-
'gue... sangue, sangue! Eu quero sangue, porque eu tenho sede, e é de sangue... Ah! pois tu cuidavas? Ajoelha, mulher, que te quero matar... esquartejar, chacinar!' — E a mulher ajoelha, e não ha remedio senão aplaudir...

E applaude-se sempre.

E não é de mim que fallo, que eu gosto d'isto: os outros é que se enfastiam e cansam de tanta barafusta, sempre a mesma...

Mas em fim o que digo é que na província não ha tal fastio, que esquece a canceira, e que nem o sublime gallimathias do ridiculo d'aiili se percebe.

Peço aos illustres puritanos que a força de sublimado quinhentista, tem conseguido levar a língua á decrepitude para a curar de suas infermidades francezas, peço-lhes que me perdoem o gallimathias, porque elle é muito mais portuguez que outra coisa. A célebre oração por gallo Matthiae deu origem a esta bella e expressiva palavra, que sim foi procreada em francez, mas hoje
precisámos 'ca muito mais d'ella que em parte
nenhuma.

Volto ja da digressão philologica: tornemos
à optica e á catoptrica.

Grande coisa é a distancia!

E dizem que saudades que matam! Saudades
dão vida; são a salvação de muita coisa que,
em seu pleno gosto e posse pacífica, peréceria
de inanição ou morreria da oppressora molestia
da sociedade.

Por isso eu não gosto de metter o scalpello no
mais perfeito da construcção humana, nem de
aplicar a lente ao mais fino e delicado do seu
funcionar...

Vamos usando d'estas palavras que herdámos,
sem metter louvados na herança; não succeda
descobrirmos que estamos mais pobres do que
se cuidava... vamos repetindo estás phrases que
nos formularam nossos antepassados sem as ana-
lysar com muito rigor; não succeda vermos cla-
ro demais que temos passado a vida a mentir...

TOMO II.
Detesto a philosophia, detesto a razão; e sinceramente creio que n'um mundo tam desconchavado como este, n'uma sociedade tam falsa, n'uma vida tam absurda como a que nos fazem as leis, os costumes, as instituições, as conveniências d'ella, afectar nas palavras a exactidão, a logica, a rectidão que não ha nas coisas, é a maior e mais perniciosa de todas as incoherencias.

Não fallemos mais n'isto, que faz mal, e acabemos aqui este capítulo.
Processo de scepticismo em que está o auctor. — Moralistas de requiem. — O maior sonho d'esta vida, a logica. — Difereuêa do poeta ao philosopho. — O coração de Horacio. — O collegio de Santarem. — Jesuitas e templarios. — O alliação do natural dos reis. — 'Ficar na gazeta' phrase muito mais exacta hoje do que 'Ficar no tinteiro.' — San'Frei Gil e o Doutor Fausto. — De como o A. foi ao tumulo do sancto bruxo e o achou vazio. — Quem o roubara?

0 final do capítulo antecedente é, bem o sei, um terrível documento para este processo de scepticismo em que me mandaram metter certos moralistas de requiem de quem tenho a au-
dacia de me rir, d’elles e da sua querella e do seu processo, protestando não me aggra-var nem appellar, nem por nenhum modo recorrer da mirifica sentença que suas excellentissimas hypocrisias se dignarem proferir contra mim.

Feita ésta declaração solemne, procedamos.

E quanto a ti, leitor benevolo, a quem so desej o dar satisfação, a ti, se ainda te causas com essas chimeras, dou-te de conselho que volte a pagina obnoxia, porque essas reflexões do ultimo capitulo são tam deslocadas no meu livro como tudo o mais n’este mundo. Dorme pois, e não despertes do bello-ideal da tua logica.

É uma descuberta minha de que estou vaidoso e presumido, ésta de ser a logica e a exacção nas coisas da vida muito mais sonhio e muito mais ideal do que o mais phantastico sonhio e o mais requintado ideal da poesia.

É que os philosophos são muito mais loucos do que os poetas; e de mais a mais, tontos: o que est’outros não são.
Voltemos, voltemos a pagina com effeto, que è melhor.

Amanheceu hoje um bello dia, puro e sublime. Dorme nas cavernas do padre Eolo aquelle vento sécco e duro, flagello dos estios portuguezes. Suspira no ar uma viração branda e suave que regenera e dá vida. Mal impreggado dia para o passar a ver ruínas! No seio da sempre jovem natureza, sob a remoçada espessura das árvores, sôbre a alcatifa sempre renovada das grammas verdes e variegadas boninas, queria eu que me corresse este dia em oocio bemaventurado de corpo e d'alma, sentindo pulsar lento e compassado o coração livre e sôlto de todo impenho, o verdadeiro coração de Horacio,

Solutus omni foenore!

Tomára-me eu no valle outra vez, com a irmã Francisca a dobar á porta, a nossa Joanninha a deslindar-lhe a meada; e embora venha o terrivel spectro de Fr. Diniz projectar sua funesta e tragica sombra no idílio d'este quadro suave, que não pôde destruir-lhe toda a amenidade bucolica, por mais que façã.
Lá voltaremos ao nosso valle, amigo leitor, e lá concluiremos, como é de razão, a história da menina dos rouxinões. Por agora almoçemos, que é tarde, e terminemos os nossos estudos archeológicos em Marvília de Santarem.

Cá estamos no Collegio, edifício grandioso, vasto, magnífico, própria habitação da companhia-rei que o mandou construir para educar os infantes seus filhos.

Creio que esta é a de Coimbra eram as duas principais casas que para isto tinham os Jesuítas em Portugal.

Foram os templários dos séculos modernos, os Jesuítas. A potência formidável e quasi régia que aquelas levantaram com a espada, tinham estes fundado com a doutrina. Riquezas, poder, influência, uns e outros as tiveram com aplauso e acquiescência geral; uns e outros as perderam do mesmo modo.

Extintas e perseguidas, ambas as ordens renasceram no mistério, e se converteram em associações secretas para conspirarem; ambas to-
maram diversos nomes e variadas máscaras para o fazerem mais seguramente.

Ambas em vão!

O predominio, crescente há séculos, do elemento democratico anulla todas essas conspirações. Sos e sem elle, os reis tinham succumbido... É a alliada natural dos reis a democracia.

O edificio do Collegio é todo philippino, ja o disse: a egreja dos mais bellos specimens d'esse stylo, que em geral secco, duro e sem poesia, não deixa comtudo de ser grandioso.

Aqui esteve depois muitos annos o seminario patriarchal, cujas aulas frequentava a mocidade do districto. Hoje leem-se alli outras palestras da cathedra administrativa. É a sêde do governo civil chamado: corrupmer a moral do povo, sophismar o systema representativo é o thema das licções.

Todo outro insino se tirou de Santarem. Fal- la-se n'um liceu e não sei em que mais 'que ficou na gazetta:' phrase portugueza moderna que
deve suprir a antiga e antiquada de—'ficou no tinteiro'—por muitas razões, até porque hoje não fica nada no tinteiro senão o senso comum, tudo o mais de lá saí, tudo. E muitas graças a Deus quando não passa às ballas do impressor para dar a volta do mundo.

Santarem é das terras de Portugal a melhor situada e qualificada para um grande estabelecimento de instrução e de educação pública. Porque não hade estar aqui o Collegio-militar ou a Casa-pia, ou outra grande eschola, seja qual for? Porque hade ser esta centralização d’insino em Lisboa? Em que se funda um privilegio dado á capital em prejuízo e á custa das provincias?

Sahimos do Collegio, somos direitos a San Domingos, um dos mais antigos estabelecimentos monásticos do reino e que eu tanto desejava visitar. Não sei descrever o que senti quando a inferrujada chave deu a volta na porta da egreja e o velho templo se patenteiou aos nossos olhos, Acabára de servir, não imaginam de quê... de palheiro!

A derradeira camada de palha que apodrecê-
ra, adheria ainda ao lago humido, e exhalava um forte vapor mephitico que nos sufocava. Mal podemos ver os tumulos dos Docems e tantos outros interessantes monumentos que abudam na parte superior do templo. A inferior, ou corpo da egreja como dizem, é de um miseravel e moderno anachronismo.

Respirando a custo aquelle ar infecto, todo o tempo que lhe pudesse resistir, quiz aproveitá-lo em examinar a principal e mais interessante reliquia da profanada egreja—a capella e jazigo do grande bruxo e grande sancto, San' Frei-Gil.

Algures lhe chamém ja o nosso Doutor Fausto: e é comeffeito. Não lhe falta senão o seu Goethe.

Vixere fortes ante Agamemnona multi.

Houve fortes homens antes de Agamemnão, e fêtes bruxos antes e depois do Doutor Fausto. Mas sem Homero ou Goethe é que se não chega à reputação e fama que alcançaram aquelles senhores. Nós precisamos de quem nos cante as ad-
miraveis lucas — ora comicas, ora tremendas —
do nosso Frei Gil de Santarem com o diabo. O
que eu fiz na 'Dona Branca' é pouco e mal es-
boçado á pressa. O grande mago lusitano não ap-
parece alli senão episodicamente; e é necessario
que appareça como protagonista de uma grande
acao, pintado em corpo inteiro, na primeirá
luz, em toda a luz do quadro.

Então o seu ardente e anciado desejo de saber;
os seus vastos estudos, os reconditos mysterios da
natureza que descobriu até penetrar no mundo
invisivel — a sêde de oiro, de prazer e de po-
dêr que o perseguiu e o fez cahir nas garras do
espirito maligno — o fastio e saciedade que o
desincantaram depois — o seu arrependimento em-
sim, e a regeneração de sua alma pela peniten-
cia, pela oração e pelo desprezo da van sciencia
humana — então essas variadas phases de uma
existencia tam extraordinaria, tam poetica, de-
vem mostrar-se como ainda não foram vistas,
porque ainda não olhou para ellas ninguem com
os olhos de grande moralista e de grande poeta
que são precisos para as observar e intender.

Lembra-me que sempre entrevi isto desde pe-
queno, quando me faziam ler a história de San’Domingos, tam rabujenta e semsabor às vezes; apesar do incantado stylo do nosso melhor prosador; e que eu deixava os outros capítulos para ler e reler somente as aventuras do sancto feiticeiro que tanto me interessavam.

Com todas estas reminiscencias que me reviviam n’alma, com os admiraveis versos do Fausto a acudir-me á memoria, e com uma infinidade de associações que essas ideas me traziam, caminhei direito á capella do sancto, cheio de alvorçô, e como tocado, para assim dizer, de sua magica vara de condão.

A capella—oh desappontamento! a capella de San’Frei Gil é um mesquinho risacimento moderno, do lado esquerdo da egreja, sem nenhum vestigio de antiguidade, nenhum ornato characteristico, pesada, grosseira—velha sem ser antiga—um verdadeiro non-descriptum de mau gosto e semsaboria. Quem tal dissera?

O tumulo do sancto está elevado do altar n’uma especie de mau chrono. Subi acima da
degradada e profanada credencia para o examinar deperto.

É de pedra o jazigo; mas ultimamente ve-se que tinham pintado a pedra; não tem labor algum.—E estava vazio, a loisa levantada e quebrada!...

Quem me roubou o meu sancto?

Quem foi o anathema que se atreveu a tal sacrilegio?..
CAPÍTULO XL.


Era de noite, reinava a confusão, a desordem, o susto e a anciedade nos muros de Santarem, tres homens chegavam, por horas mortas, ao antigo mosteiro das Claras, davam
à portaria um signal surdo e mysterioso; respondiam-lhe de dentro com outro igual: e d'ahi a pouco, sem rumor e com as mais escrupulosas precauções se abria quietamente a porta da clausura.

Os tres homens entraram, a porta fechou-se sobre elles do mesmo modo precatado.

Que sera?

Os homens levavam uma especie de cofre que parecia conter preciosidades de grande valor: tal era o desvello com que o resguardavam.

Há um mysterio que se figura criminoso n'esta aventura. Mas os tempos são para tudo.

Era no anno de 1834.

Entremos n'esse convento das pobres Claras, tam afflictas e desconsoladas agora que as ameaçam de dissolução como aos fradez.

Não sera assim: aquellas instituições não tem medo aos verdadeiros liberaes, e os outros lá
teem o espolio dos frades para devorar; estão entretidos: as freiras salvam-se por ora.

Tais eram as esperanças dos três homens que entravam a essas deshoras nos vedados precinc
tos do mosteiro. Sigam-los porém, que é tempo.

Chegavam elles a uma pequena capella do claustrro das freiras, foram depor sobre o altar o cosfre que traziam, e ajoelharam devotamente deante d'elle. Logo se ouviu ao longe o psalmear baixo e sumido de vozes feminínas; e d'ahi a pouco, toda a communidade das Claras, de tochas na mão, em duas alas, e a abbadessa com o seu baculo atras, entravam processionalmente no claustrro e se dirigiam á mesma capella.

O psalmo que cantavam era este:

* Meu Deus, vieram os barbaros ás tuas her-
dades, polluiram o teu sancto templo, pozeram Jerusalem como um grannel de fructos.

* Pozeram os cadaveres de teus filhos de cevo

* Deus, vegerunt gentes in hereditatem tuam. Ps. 78.
às aves do céo; as carnes dos teus santos às alimarias da terra.

"O sangue d'elles derramaram-n'ô como água nos valles de Jerusalem; ja não havia quem sepultasse.

"Estamos feitos o oppróbrio dos nossos vizinhos; o escarneco e a zombaria dos que vivem por nossos arredores.

"Até aonde, ó Senhor, te hasde irar emisím; e se hade accender o teu zêlo com logo?

"Vérte a tua ira sôbre as gentes que te não conheceram, contra os reinos que não invocaram o teu nome;

"Que devoraram a Jacob; e desolaram suas terras.

"Não te lembres de nossas iniquidades passadas, e depressa nos alcancem as tuas misericórdias; já que tam pobres de mais estamos.

"Ajuda-nos Deus, salvador nosso; e pela glo-
ria do teu nome livra-nos, Senhor, amercea-te de nossos peccados por causa do teu nome.

Contavam assim as pobres das freiras, cantavam em latim que elas mal entendiam; mas dizia-lhes o instincto do coração, dizia-lhes a tam excitavel imaginação feminina, que era chegada a hora de se cumprir a seus olhos, e sobre elhas mesmas tambem, a tremenda prophecia do psalmo que intoavam.

Havia pois lagrymas n'aquellas vozes que assim cantavam, sahiam d'alma aquelles sons e n'alma vibravam tambem com profunda e solemne melancholia.

Chegadas juncto á capella onde estava o cofre, as freiras pararam conservando as mesmas duas alas da processaçao e continuando ao accentuando do mormurio do seu psalmo.

Os tres vultos de homem permaneceram de joelhos curvados deante do altar.

Findou o psalmo e seguiu-se breve intervallo de silencio. Depois, os tres homens levantaram.

TOMO II.
se, e caindo-lhes para os lados as longas capas em que vinham involtos, viu-se que o do meio era um frade velho, magro, curvado e sêcco, trajando ainda, apezar da lei, o burel preto dos franciscanos o cingido com sua corda. Os outros dous eram dominicos e vestiam de preto e branco segundo as cores de seu também proscripto instituto.

O velho franciscano subiu com passo trémulo os degraus do altar, beijou o cofre que estava sobre elle, e voltando-se para a comunidade que o contemplava em religioso silencio, disse com uma voz caya que parecia vir do sepulcro mas accentuada e forte:

"Irmans, vimos intregar-vos este depósito precioso. Deus não quer que os cadaveres dos seus sanctos fiquem expostos às aves do ceo e às alimarias da terra. Este é o sancto corpo de um dos maiores sanctos que produziu esta terra de Portugal quando era abençoada. Hoje é maldita e não devia conservar as suas reliquias. Os filhos de San'Domingos foram expulsos de sua casa, assim como nós fomos, nós os filhos de Francisco. incontrámo'nos sem tecto nem abrigo uns e ou"
tros, e juntámos as nossas misérias para as chararmos como irmãos que somos, como filhos de pais que tanto se amaram e ajudaram. Perigrinaremos juntos por essas solidões da terra, e juntos iremos bater por essas portas que cerrou a impiedade e a indiferença, a pedir o pão de cada dia porque temos fome.

'Que importa! não professámos nós, não nos honrâmos nós de ser mendigos? De que vivemos nós sempre senão de esmolla?

'Não choreis irmãos, não choreis sobre nós. Deus, que o permitiu bem sabe o que fez. Louvado seja elle sempre! Nós tínhamos peccados para mais! Ainda foi misericordioso comosno o Senhor da justiça e do castigo.

'A nós tiraram-nos tudo, tudo! Até estas mortalhás que tínhamos escolhido em vida e que ném a morte ousava roubár-nos.

'A furto e como quem se esconde para um acto criminoso, nós as vestimos esta noite para commetêr o que elles chamarão um furto, e que era uma obrigação sagrada nossa.
Fomos à antiga casa de nossos irmãos e roubámos o corpo do bemaventurado San'Frei Gil.

'Aqui vo-lo intregâmos; guardae-o. Emquanto estes muros estiverem em pe, que o abriguem dos desacatos d'essa gente sem Deus nem lei. A vós não ousarão expulsar-vos d'aqui: talvez vos matem á fome... Não pôde ser: Deus não hade permitti-lo.

'Mas qualquer que seja a sua vontade, resignae-vos a ella, minhas irmans. So elle sabe como nos ama e como nos castiga. Louvemo'-lo por tudo.'

Aqui foi um chorar e um supplicar fervente como so se ouve na hora da angústia.

As afflictas monjas estavam prostradas nas lagas humidas do claustro, sobre as sepulturas de suas irmans, sobre seus proprios jazigos que haviam de ser. O frade com os braços extendidos pronunciou as solemnes palavras de benção, desc revendo com a direita o augusto symbolo da redempçao:


'Bemdigas Deus omnipotente, Pae, Filho e Espirito-sanclo!' 'Amen!' respondeu o coro; e os três proscriptos se retiraram, deixando a salvo o seu thesoiro.

Assim desapareceu do tumulo o corpo de San'Frei Gil de Santarem.

Ninguem sabia d'elle; soube eu e guardei o segredo religiosamente.

Os tempos são outros hoje: os liberaes ja conhecem que devem ser tolerantes, e que precisam de ser religiosos. Não ha perigo em dizer-lhe onde elle está.

Quando houver em Portugal um governo que saiba ser governo, hade regular e consolidar a existencia das freiras, hade aproveitá-la para as piedosas instituicões do insino da mocidade, da cura dos infermos, e do amparo dos invalidos.

Os barões andam-lhe com o cheiro nos poucos bens que lhes restam às pobres das freiras. Mal do governo que deixar comer mais aos barões!
CAPÍTULO XLI.


Porcerto, leitor amigo, no franciscano velho que vai de noite roubar os ossos do santo ao seu tumulo, e os vem esconder na clausura das freiras, porcerto, digo, reconheceu ja
a tua natural perspicacia ao nosso Frei Diniz, o frade por excellencia — frade por teima e acinte.

Pois esse era, não ha dúvida.

Assim se passou aquella scena e assim m'a contaram. Do que mediára entre ella e o acontecido com o frade, Carlos, Joanninha, a avó e a ingleza, d’isso é que nada pude saber.

É uma grande lacuna na nossa historia; mas antes fique assim do que enchê-la de imaginação.

Oh! eu detesto a imaginação.

Onde a chronica se calla e a tradição não salva, antes quero uma pagina inteira de pontinhos, ou toda branca — ou toda preta, como na veneravel historia do nosso particular e respeitavel amigo Tristão Shandy, do que uma so linha da invenção do chroniqueiro.

Isso é bom para novellas e romances, livros insignificantes que todos leem todavia, ainda os mesmos que o negam.
Eu também me parece que os leio, mas vou sempre dizendo que não...

Emfim, tornemos ao frade, e tornemos às minhas viagens.

Cheio d'élle e da sua memória, palpitando com a recordação das tremendas scenas que, havia tam poucos annos, se tinham passado em seu antigo mosteiro, eu me approximei emfim do real convento de San'Francisco de Santarem.

Dei pouca atenção ao bello adro e à solemne vista que d'élle se descobre — e menos ainda às doentias acacias que ahí vejetam infezadas e rachiticas, como plantadas de má mão e em má hora — porque móças são ellas, é visivel: possam-n'as ahí depois de extincto o convento. São triste mas verdadeiro symbolo da apagada e facticia vida que se quiz dar ao que era morto.

Vamos dentro, e vejamos pelas baixas e aguçadas arcadas do claustro, pelas altas naves do templo se descubrimos algum vestigio do ultimo guardião d'esta casa, e d'essa fadada familia cu-
jo destino, em hora aziaga tam estreitamente se ligou com o d'elle.

Ja me interessa isto mais, confesso, ai! muito mais, do que todos esses tumulos e inscripções que por ahí estão, e que tanto caracterizam este um dos mais antigos e mais históricos edifícios do reino.

Mas em vão interrogo pedra a pedra, lage a lage; o echo morto da solidão responde tristemente às minhas perguntas, responde que nada sabe, que esqueceu tudo, que aqui reina a desolação e o abandono, e que se apagaram todas as lembranças do outro estado...

Que foi feito de ti, Joanninha, e dos teus amores? Que será feito d'esse homem que ousou amar-te amando a outra? E essa outra onde está? Resignou-ele dela devéras? Sepultou comeffeito, sob o gêlo apparente que veste de triplice mas falsa armadura o peito da mulher do norte, todo aquelle fogo intenso e intimo que solapadamente lhe devora o coração?

Não tenho esperanças de saber nada d'isso aqui.
So pude descobrir que, no dia imediato à cena nocturna das Claras, Fr. Diniz saiu de Santarem, não se sabe em que direcção — que n'esse mesmo dia Georgina sahira também pela estrada de Lisboa. levando em sua carruagem a avó e a neta, ambas meias mortas e ambas meias loucas — que não houvera mais novas de Carlos — e que a sua última carta, aquella que escre- vêra de juncto d'Évora, Joanninha a levava aper- tada nas mãos convulsas quando partíra.

Pois também eu me quero partir, me quero ir embora. Ja me infada Santarem, ja me cansam estas perpétuas ruinas, estes pardeiros in- mináveis, o aspecto desgracioso d'estes intulhos, a tristez a d'estas ruas desertas. Vou-me embora.

E comtudo San'Francisco é uma bella ruína, que merecia examinada de vagar, com outra paciencia que eu já não tenho.

Se tudo me impacienta aqui!

Da bella egreja gothica, fizeram uma arreca- dação militar; andou a mão destruidora do sol- dado quebrando e abolando esses monumentos pre-
cioses, riscando com a baioneta pelo verniz mais pulido e mais respeitado d'esses jazigos antiquíssimos; os lavores mais delicados esmoucou-os, degradou-os. Levantaram as lájes dos sepulcros; o ao som da corneta militar acordaram os mortos de séculos, cuidando ouvir a trombeta final...

Decididamente vou-me embora, não posso estar aqui, não quero ver isto. Não é horror que me faz, é náusea, é asco, é zanga.

Maldittas sejam as mãos que te profanaram, Santarém... que te deshonoraram, Portugal... que te invilleceram e degradaram, nação que tudo perdeste, até os padrões da tua história!..

Eheu, cheu, Portugal!
CAPITULO XLII.


Não chamem exaggerado ao que vai escrito no fim do último capítulo; senti o que escrevi. senti muito mais do que escrevi. O que poderá haver é desacerto nas palavras, porque
em verdade não sei explicar a impressão que me faz uma ruina n’este estado. Desafrican-e-me os nervos, vibram-me n’uma discordância e dissonância insuportável. Queria ver antes estes altares expostos às chuvas e aos ventos do ceo, — que o sol os queimasse de dia, — que à noite, à luz branca da lua, ou ao tibio reflexo das estrelas, piasse o mocho e sussurrasse a curuja sobre seus arcos meio-cahidos.

Não me parecia profanado o templo assim, nem descahido de magestade o monumento. Pode ajoelhar-me no meio das pedras sôltas, entre as hervas humidas, e levantar o meu pensamento a Deus, o meu coração à glória, à grandeza, o meu espírito às sublimes aspirações da idealidade. O material, o grosseiro, o pesado da vida não me vinham afligir ali.

Deus, a idea grande do mundo — Deus, a Razão Eterna — Deus, o amor — Deus, a glória — Deus, a força, a poesia e a nobreza d’alma — Deus está nas ruínas esclavadas da Coliseu, como nos zimbórios de bronze e mármore de San’Pedro.
Mas aqui!.. nos pardeiros de um convento velho, concertado pelas Obras-públicas para servir de quartel de soldados — aqui não habita espírito nenhum.

Quero-me ir embora d’áqui!


Onde está elle?

No côro alto.

Subâmos ao côro alto.

Oh! que não sei de nojo como o conte!

O bello jasigo do rei formoso e frívolo, tãodo as delicias do prazer como foi seu pai às austeridades da justiça em que estado elle está!

Oh nação de barbaros! Oh malditto povo de iconoclastas que é este!

O tumulo do segundo marido de D. Leonor
Telles é um sarcófago de pedra branca, fina e friável, elegante e simplesmente cortada, com mais sobriedade de ornatos do que tem de ordinario os monumentos do século XIV., mas de uma acabada scultura, casta e continente, como o não foi a vida do rei que ali incerraram depois de morto.

Percebem-se ainda vestigios das vivas cores em que foram indozados os relevos da pedra branca:— stylo byzantino de que não sei outro exemplo em Portugal. Este é— ou antes, era — precioso.

Era; porque a brutalidade da soldadesca o deturpou a um ponto incrível. Imaginou a estupida cubica d'estes Allanos modernos que devia de estar alli dentro algum grande haver de riquezas incantadas,— talvez cuidaram achar sobre a caveira do rei a coroa real marchetada de perolas e rubis com que fosse interrato,— talvez pensaram encontrar appertado ainda entre as séccas phalanges dos dedos myrhados, aquelle globo de ouro macioso que lhes figura o rei d'espadas do sujo baralho de sua tarumba, e que elles teem pela indisputavel e infallivel insignia do
supremo imperio; — talvez supuseram que mesmo depois de morto, um rei devia de ser de oiro... Emfim quem sabe o que elas cuidaram e pensaram? O que se sabe, porque se ve, é que quizeram abrir e arrombar o túmulo. Tentaram, primeiro, levantar a campa; não poderam: tam solidamente está soldada a pedra decima ao corpo ou caixão do jazigo, que o todo parece macisso e inconsutil. Mas n'este impenho quebraram e estallaram os lavores finos dos cantos, os caireis delicados das orlas; e a campa não ce-deu: parece chumbada pelo anjo dos últimos julgamentos com o sêllo tremendo que so se hade quebrar no dia derradeiro do mundo.

A cubiça estolida dos soldados não se aterrou com a religião do sepulchro, nem lhe causou attrição, ao menos, ésta resistencia quasi sobrenatural das pedras do momento. Ve-se que trabalhou alli, de alavanca e de ariete, algum possante e ponderoso pé-de-cabra; mas que trabalhou em vão muito tempo.

Desinganaram-se emfim com a tampa; e resolveram atacar, mais brutalmente mas com mais vantagem, as paredes do sarcophago, que justa-
mente suspeitaram de menos espessas. Assim era; e conseguiram na parede da frente abrir um rombo grosso por onde entra fácil um braço todo e pôde explorar o interior do tumulo à vontade.

Assim o fiz eu, que metti o meu braço por essa abertura barrada, e achei terra, pó, alguns ossos de vertebras, e duas caveiras, uma de homem, outra de criança.

Não me lembra que haja memoria alguma de infante que ahi fosse sepultado tambem, segundo faziam os antigos muitas vezes que punham os cadaveres das crianças nos jazigos dos pães, dos parentes, até de meros amigos de suas familias.

Tive, confesso, uma especie de prazer maligno em imaginar a estupida compridez de cara com que deviam de ficar os brutaes profanadores, quando achassem no tumulo do rei o que se tem os tumulos — de reis ou de mendigos—ossos, terra, cinza, nada!

Por mim, estive tentado a furtar a caveira d’elrei D. Fernando. Se acreditasse na phrenologia, parece-me que não tinha resistido. Não
creio na ciência, felizmente — n'este caso — para a minha consciência. Também não sei o que faria se a caveira fosse de outro homem. Mas o 'fraco rei' que fez 'fraca a forte gente' não são reliquias as suas que se guardem.

Oh! e quem sabe? Esta profanação, este abandono, este desacato do túmulo de um rei, ali na sua terra predilecta — D. Fernando era santareno de afeto — não será elle o juizo severo da posteridade, a vindicta pública dos séculos, que tardia mas ultrajante, cai enfim sobre a memória reprovada do mau príncipe, e lhe deshonra as cinzas como ja lhe deshonrará o nome?

Quero acreditar que tal não podia suceder aos túmulos de D. Diniz, de D. Pedro I, dos dois Joannes I e II, de...

Sim: e aonde está o de Camões? O de Duarte Pacheco aonde esteve? que ainda é mais vergonhosa pergunta ésta última.

Em Portugal não há religião de nenhuma especie. Até a sua falsa sombra, que é a hipocrisia, desapareceu. Ficou o materialismo es-
tupido, alvar, ignorante, devasso e desfaçado, a fazer gala de sua hedionda nudez cynica no meio das ruinas profanadas de tudo o que elevava o espírito...

Uma nação grande ainda poderá ir vivendo e esperar por melhor tempo, apezar d'esta paralysia que lhe pasma a vida d'alma na mais nobre parte de seu corpo. Mas uma nação piquena, é impossível; hade morrer.

Mais dez annos de barões e de regimen da materia, e infallivelmente nos foge d'este corpo agonizante de Portugal o derradeiro suspiro do espírito.

Creio isto firmemente.

Mas ainda espero melhor todavía, porque o povo, o povo povo, está são: os corruptos somos nós os que cuidámos saber e ignorámos tudo.

Nós, que somos a prosa vil da nação, nós não intendemos a poesia do povo; nós, que só comprendemos o tranqüel vel dos sentidos, nós somos estranhos às aspirações sublimes do senso-
íntimo que despreza as nossas teorias presum-
pçonias, porque todas veem de uma acanhada aná-
lyse que procede curta e mesquinha dos dados
materiais, insignificantes e imperfeitos; — em
quanto elle, aquelle senso-íntimo do povo, vem
da Razão divina, e procede da synthese trans-
cendente, superior, e inspirada pelas grandes e
eternas verdades que se não demonstram porque se
sentem.

E eu que escrevo isto serei eu demagogo? Não
sou.

Serei fanático, jesuíta, hypocrita? Não sou.

Que sou eu então?

Quem não intender o que eu sou, não vale a
pena que lhe diga...

Por doa-me, leitor amigo, uma reflexão últi-
ma no fim d'este capítulo já tam seccante, e
prometto não reflectir nunca mais.

Jesu Christo, que foi o modelo da paciencia,
da tolerancia, o verdadeiro e unico fundador da
liberdade e da egualdade entre os homens, Jesus Cristo sofreu com resignação e humildade quantas injustiças, quantos insultos lhe fizeram a elle e á sua missão divina; perdoou ao matador, á adúltera, ao blasfêmio, ao impio. Mas quando viu os barões a agiotar dentro do templo, não se pôde conter, pegou n'um azorrague e zurziu-os sem dor.
CAPÍTULO XLIII.


Estou deveras fatigado de Santarém; vou-me embora.

Despedimo'-nos saudosos d'aquella boa e leal
família que nos hospedará com tanto carinho, com toda a velha cordialidade portugueza; partirmos.

Apenas comecei a respirar o ar fresco da manhã nos olivaes, senti desafogar-se-me alma d’aquella constricção cansada que se experimenta na longa visita a um museu de antiguidades, a uma galeria de pinturas.

Perdoem-me que não diga ‘pinacotheca’: bem sei que é moda, e que a palavra é adoptável segundo as mais strictas regras de Horacio, pois ‘cai da fonte grega’ diretamente e sem mistura: mas soa-me tam mal em portuguez que não posso com ella.

Santarem fatigou-me o espírito, como todas as cousas que fazem pensar muito. Deixo-a porém com saudade, e não me heide esquecer nunca dos dias que aqui passei.

De quê e como sou eu feito, que não posso estar muito tempo n’un logar, e não posso sahir d’elle sem pena?
Ja me está custando ter deixado Santarém. Porque não havíamos de partir ámanhan, e ter ficado ainda hoje alli?

E hoje que é sexta-feira?.. Mau dia para começar viagem!

Sexta-feira! Era o dia aziago do nosso valle, da pobre velha cega que abi vivia sua triste vida de dores, de remorsos e desconsórtio, esperando porém em Deus, conformada com seu martyrio: martyrio obscuro, mas tam insanguentado d’aquelle sangue que mana gott a gott e dolorosamente do coração rasgado, devorado em silêncio pelo abutre invisivel de uma dor que só não revela, que não tem prantos nem ai.

Era na sexta-feira que o terrível frade, o demónio vivo d’aquella mulher de angústias, lhe aparecia tremendo e espantoso deante de seus olhos cegos, elevado pela imaginação às proporções descommunnaes e gigantescas de um vingador sobrenatural

Era a figura tangivel, e visivel á vista de sua
alma, do enorme peccado que contra elle estava sempre.

Creio que escusado dizer que não tenho eu esta superstições dos dias aziagos que tinha a desgraçada velha, que a sua Joanninha partilhava. Mas confesso que, recordando as fatalidades d’aquella familia e d’aquelle dia, não gostei de voltar n’elle ao vale de Santarem.

Estavamos porém no valle; e já eu via de longe aquellas árvores e aquella janella que tanto me impressionaram, quando estas reflexões me acudiam ao espirito e m’o contrastavam.

Afrouxei insensivelmente o passo, deixei tomar larga dianteira aos meus companheiros de viagem; e quando chegava perto da casa, tinham-os perdido de vista.

Involuntariamente parei de frente da janella; mordia-me um interesse, uma curiosidade irresistivel... Nem viva alma por aquelles arredores; apeci-me e fui direito para a casa.

Apenas passei as árvores, um spectaculo ines-
perado, uma evocação como de incanto me veio ferir os olhos.

No mesmo sitio, do mesmo modo, com os mesmos trajes e na mesma attitude em que a descrevi nos primeiros capitulos d'esta historia, estava a nossa velha irma Francisca...

Ella era, e não podia ser outra; sentada na sua antiga cadeira, dobando, como Penelope tecia, a sua interminável meada. Não havia outra diferença agora senão que a dobadoira não parava, e que o fio seguia, seguia, inrollando-se, inrollando-se contínuo e compassado no novello; e que os braços da velha lidavam lentamente mas sem cessar no seu movimento de authomato que fazia mal ver.

Defronte d'ella, sentado n'uma pedra, a cabeça baixa, e os olhos fixos n'um grosso livro velho, que sustinha nos joelhos, estava um homem secco e magro, descarnado como um esqueleto, livido como um cadaver, immovel como uma estátua. Trajava um non-descriptum negro, que podia ser sotana de clerigo ou túnica de frade, mas descingida, sôita, e pendente em
grossas e largas pregas do extenuado pescosso do homem.

Também não podia ser senão Frei Diniz.

Cheguei juncto d’elles; não me sentiu nenhum dos dois; nem me viu elle, o que so via dos dois.

Sem mais reflexão, e continuando alto na serie de pensamentos que me vinha correndo pelo espirito, exclamei:

— ‘E Joanninha?’

— ‘Joanninha está no ceo’: — respondeu sem sobresalto, sem erguer os olhos do seu livro, a sombra do frade — que outra coisa não parecia.

— ‘Joanninha, pobre Joanninha! Pois como foi, como acabou a infeliz?’

— ‘Joanninha não é infeliz: foi ser anjo na presença de Deus.’

— ‘E... e Carlos?’ balbuciei eu hesitando porque temia a susceptibilidade do frade.
— 'Carlos!' respondeu elle erguendo em fim os olhos e cravando-os em mim...

E oh! que nunca vi olhos como aquelles, nem os heide ver!

— 'Carlos!... E quem é que m'o pergunta? quem é que tanto sabe de mim e dos meus?.. Dos meus? Eu não tenho meus; sou so.'

— 'So! Não está aqui, que eu vejo?...'

— 'Ve essa mulher morta que ahí ficou, que a matei eu, e que aqui está á espera que dê a hora de a eu interrar, mais nada. Eu estou so e quero estar so. Morreu tudo. Que mais quer saber?'

— 'Venho de Santarem...'

— 'Santarem tambem morreu; e morreu Portugal. Aqui não, vive senão o meu peccado, que Deus não perdoou ainda, nem espero...'

— 'A nossa religião fez uma virtude da esperança.'
— 'Fez.'
— 'E nisso se distingue das outras todas.
— 'Pois ainda ha quem o saiba n'esta terra?'
— 'Ha mais do que não houve nunca — pelo menos ha mais quem o saiba melhor.'
— 'Pode ser: os juízos de Deus são incompreensíveis.'
— 'E infinita a sua misericórdia.'
— 'Mas a sua choler im impecável, a sua justiça tremenda.'
— 'A misericórdia é maior.'
— 'Quem lhe insinou tudo isso?'
— 'O evangelho, o coração, e minha mãe que m'os explicou ambos.'
— 'Sente-se aqui... à opé de mim.'
Sentei-me. O frade pegou-me na mão com as snas ambas, e pôs-me os olhos com uma expressão que nenhuma língua pôde dizer, nem nenhum pincel pintar.

Esteve assim algum tempo, como quem me observava. Vi-lhe apontar claramente uma lagryma, vi-lh’a retroceder, e ficarem-lhe inchados os olhos. Senti-lhe estrangular um suspiro que lhe vinha à garganta; percebi distintamente o estremecção que lhe correu o corpo; mas observei que todo se serenou depois.

Disse-me então com voz magoada mas placida e sem aspereza ja nenhuma:

— ‘Sabe a historia do valle?’

— ‘Sei tudo até á partida de Carlos para Evora.’

— ‘Aqui tem a carta que elle escreveu.’

Tirou do breviario um papel dobrado, amarelo do tempo, e manchado, bem se via, de muitas lagrymas, algumas recentes ainda.
— 'Leia.

Li.

Esta era a carta de Carlos.
CAPITULO XLIV.

Carta de Carlos a Joanninha.

Evora-monte...

de maio de 1834.

É a ti que escrevo, Joanna, minha irman, minha prima, a ti so.

Com nenhum outro dos meus não pôsso nem ouso fallar.

TOMO II.
Nem eu já sei quem são os meus: confunde-se, perde-se-me está cabeça nos desvios do coração. Errei com elle, perdeu-me elle... Oh! bem sei que estou perdido.

Perdido para todos, e para ti também. Não me digas que não; tens generosidade para o dizer, mas não o digas. Tens generosidade para o pensar, mas não pôdes evitar de o sentir.

Eu estou perdido.

E sem remédio, Joanna, porque a minha natureza é incorregível. Tenho energia de mais, tenho poderes de mais no coração. Estes excessos d'elle me mataram... e me matam!

Tu não comprehendes isto, Joanninha, não me intendes decerto; e é difícil.

Es mulher, e as mulheres não intendem os homens. Sempre o entrevi, hoje sei-o perfeitamente. A mulher não pôde nem deve compreender o homem. Triste da que chega a sabê-lo!...

E d'ahi... quando se tem de morrer, antes...
saber a morte de que se morre, do que expirar na ignorancia do mal que nos matou.

Tu es joven e inexperiente, a tua alma está cheia de illusões doces; vou dissipar-t'as em quanto se não condensam, que te ofusquem a razão e te deixem para sempre escrava cega do maior inimigo que temos, o coração.

Quero contar-te a minha historia: verás n'ella o que vale um homem.

Sabe que os não ha melhores que eu; e tam bons, poucos. Olha o que será o resto!

Tu não ignoras ja hoje o porque fugi da casa materna: sabia-a manchada de um grande pecado, e imaginei-a polluida de um enorme crime.

Esse homem que é meu pae, não o podia ver; hoje que sei o que me elle é... Deus me perdoe, que ainda o posso ver meus!

Minha avó, julguei-a cumplice no crime; ella so o era no peccado. Perdoo-lhe Deus; e bem
pôde e bem deve, ja que a fez tam fraca. Mi-
inha pobre mãe succumbiu por sua culpa, por
sua irremissivel complacencia...

Deus pôde e deve, repetido... mas eu, como
lhe heide perdoar eu este rubor que sinto nas
faces ao nomear minha mãe?

Tem padecido e sofrido muito... coitada! A
sua penitencia é um martyrio, a sua velhice uma
longa paixão, e esse homem que a perdeu um
verdugo sem piedade. Mas tudo isso é com Deus,
Não é commigo.

Eu sou filho; minha mãe morreu sem perdoar
— não posso perdoar eu.

E quem me hade perdoar a mim? Ninguem,
Nem quero.

Não serás tu, minha irman; não, que não
deves. Porque eu amei-te com um coração que
ja não era meu; aceitei o teu amor sem o me-
recer, sem o poder possuir, trahi quando te
amava, menti quando t’o disse, menti-te a ti,
menti-me a mim, e não guardei verdade a ninguém.

Mas espera, ouve; deixa-me ver se posso atar o fio d'esta minha incrível historia—incrível para ti, bem simples para quem conheça o coração do homem.

Sahi de Portugal, e posso dizer que não tinha amado ainda. Inclinações de criança, galanteios de sociedade, ligações que nasceram da vaidade, ou que so os sentidos alimentam, não merecem o nome de amor.

Eu não tinha amado.

Ha três espécies de mulheres n'este mundo: a mulher que se admira, a mulher que se deseja, e a mulher que se ama.

A beleza, o espírito, a graça, os dotes d'alma e do corpo geram a admiração.

Certas formas, certo ar voluptuoso criam o desejo.
O que produz o amor não se sabe; é tudo isto às vezes, é mais do que isto, não é nada d’isto.

Não sei o que é; mas sei que se pode admirar uma mulher sem a desejá-lo, que se pode desejar sem a amá-la.

O amor não está definido; nem o pode ser nunca. O amor verdadeiro; que as outras coisas não são isso.

Eu vivi poucos mezes em Inglaterra; mas foram os primeiros que posso dizer que vivi. Levou-me o acaso, o destino — a minha estrela, porque eu ainda creio nas estrelas, e em pouco mais deste mundo creio já — levou-me ao interior de uma família elegante, rica de tudo o que pode dar distinção n’este mundo.

Extranhei aquelles habitos de alta civilização, que me agradavam com tudo; moldei-me facilmente por elles, afiz-me a vejetar docemente na branda atmosfera artificial d’aquella estufa sem perder a minha natureza de planta estran-geira. Agradei: e não o merecia. No fundo d’al-
ma e de character eu não era aquillo por que me
tomavam. Menti: o homem não faz outra coisa;
Eu detesto a mentira, voluntariamente nunca o
fiz, e todavia tenho levado a vida a mentir.

Menti pois, e agradei porque mentia. Sancto
Deus! para que sahiria a verdade da tua boca,
e para que a mandaste ao mundo, Senhor?

Havia tres meninas n'aquella familia. Dizer
que eram as tres graças é uma vulgaridade can-
sada, e tam bannal que não dá ideia de coisa al-
guma. Tres anjos seriam; tres anjos posso di-
zer com mais propriedade. E quando em nos-
sos longos passeios solitarios, por aquelles cam-
pos sempre verdes, por aquellas collinas coroa-
das de arvoredo, tapessadas de relva macia, os
seus vestidos brancos, singelos, simples, trajados
sem arte, fluctuavam com a brisa da tarde...
e os longos aneus de seus cabellos — os de uma
eram loiros, os de outra castanhos, não ha no-
me para a indefinida côr dos da terceira — quan-
do esses longos aneus descahiam de sua ondada
spiral com o orvalho humido do crepusculo — e
que a essa luz vaga e mysteriosa eu as contem-
plava todas tres com adoração e recolhimento
devoto d'alma — sinceramente exclamava: ‘São três anjos celestes que é forçoso adorar!..’

E assim é que os adorava os três anjos, todos três, e não podia adorar um sem os outros.

Que me queriam ellas, é certo; que insensivelmente se habituaram à minha companhia e já não podiam viver sem ella... aí! era preciso ser um monstro para o não confessar com lágrimas de gratidão e de remorso.

Os mais difíceis e delicados apices da perfeição de sua tam caprichosa e tam expressiva lingua, as belízeas mais sentidas de seus auctores queridos, o espírito e tom difícil de sua sociedade tam desdenhosa e fastienta, mas tam completa e tam calculada para sublimar a vida e a desmaterializar — isso tudo, e um indefinível sentimento do gentil, que so com natural tacto se adquire, é verdade, mas que se não alcança com elle so — isso tudo o aprendi alli das suaves lições que insensivelmente recebia a cada instante.

Se valho alguma coisa, tudo valho por ellas;
se tenho merecido alguma consideração no mundo, toda li há devo.

Yes que confessó a divida, verás como a paguei.

O tom perfeito da sociedade inglesa inventou uma palavra que não ha nem pôde haver n'outras linguas enquanto a civilização as não apurar. To flirt é um verbo inocente que se conjuga alli entre os dois sexos, e não significa namorar — palavra grossa e absurda que eu detesto — não significa 'fazer a corte'; é mais do que estar amável, é menos do que galantear, não obriga a nada, não tem consequencias, começa-se, acaba-se, interrompe-se, addia-se, continua-se ou descontinua-se á vontade e sem comprometimento.

Eu flirtava, nós flirtavamos ellas flirtavam...

E não ha mais doce nem mais suave intertendimento d'espirito do que o flirtar com uma elegante e graciosa meinha ingleza; com duas é prazer angelico, e com tres é divino.

Para quem nasceu n'aquillo, não é perigoso;
para mim degenerou, breve, aquella placida sensação em mais profundo sentimento.

Veio a admiração primeiro.

E como as eu admirava todas tres as minhas gentis, fascinadoras!

E ellas conheciam-n’o, riam, folgavam e estavam incantadas de me incantar.

Fizeram nascer os desejos!

Julguei-me perdido, e quiz fugir.

Não me deixaram e zombaram de mim, da ardência do meu sangue hespanhol, da vehemência das minhas sensações...

Em breve eu amava perdidamente uma d’ellas — queria muito às outras duas; mas amar, amar devéras, d’alma cuidava eu, de coração ia jurá-lo, era a segunda — Laura, a mais gentil, mais nobre, mais elegante e radiosa figura de mulher que creio que Deus moldasse n‘uma hora de verdadeiro amor de artista que se dignou tomar por esse pouco de greda que tinha nas mãos ao formá-la.
CAPITULO XLV.

Carta de Carlos a Joanninha: continua.

Laura não era alta nem baixa, era forte sem ser gorda, e delicada sem magreza. Os olhos de um côr-de-avelan diaphano, puro, avel-ludado, grandes, vivos, cheios de tal majes-
tade quando se iravam, de tal doçura quando e abrandavam, que é difícil dizer quando eram mais bellos. O cabello quasi da mesma côr tinha, demais, um reflexo dourado, vacillante, que ao sol resplandecia, ou antes, relampejava, — mas a espaços, não era sempre, nem em todas as posições da cabeça: — cabeça pequena, modelada no mais classico da statuaria antiga, poisa- da sobre um collo de immensa nobreza, que harmonizava com a perfeição das linhas dos hombros,

A cintura breve e estreita, mas sem exagge- ração, via-se que o era assim por natureza e sem a menor contrafeição d'arte. O pé não tinha as exiguidades fabulosas da nossa peninsula, era proporcionado como o da Venus de Medicis.

Tenho visto muita mulher mais bella, algumas mais adoráveis, nenhuma tam fascinante.

Fascinante é a palavra para ella.

O rosto oval e perfeitamente symetrico, pal- lido; só os beïços eram vermelhes como a rosa de côr mais viva.

A expressão de toda êsta figura é que se
não descreve. A bôceca breve e fina surria pou-
co; mas quando surria, oh!..

Ve-la n'um baile, vestida e calçada de bran-
co, cingida com um cinto de vidrilhos pretos
—toilette inalterável para ella desde certa epó-
cha — sem mais ornato, sem mais flores, ape-
nas um farto fio de perolas derramando-se-lhe
pelo colo — era ver alguma coisa de superior,
de mais sublime que uma simples mulher.

Tal era Laura, Laura que eu amei quanto
podia e sabia amar. Era pouco, sei-o agora;
então parecia-me infinito.

Disse-lh’o a ella, disse-lh’o um dia que pas-
seávamos sós, e depois de andarmos horas e
horas esquecidas, sem trocar uma phrase. Pen-
savamos, eu n'elle, ella não sei em quê.

Seria em mim?

Seria mas não m’o confessou.

E ouviu-me sem dizer palavra, sem olhar
para mim uma só vez, sem fugir com a mão
que lhe eu appertava, que lhe beijava, e que sentia fria e humida nas minhas que escaldavam.

Era tarde, dirigimo'-nos para casa. À porta disse-me: 'Não entre'; e vi-a banhada em lagrymas. Quiz segui-la, fez-me um gesto imperioso que me confundiu. Pela primeira vez, depois de tanto tempo, fui so, triste e melanholico para a minha pobre habitação, onde passei a noite.

Quando era madrugada quiz-me deitar. Não dormi.

No dia seguinte recebi uma carta de Julia: assim se chamava a mais velha, a mais sensivel e a mais carinhosa das três irmãos.

O bilhete parecia indiferente; não continha senão palavras usuaes, pediu-me que fosse almoçar com ella... não falava nas irmãos.

Senti que era chegada a minha hora, pareceu-me que ia ser expulso d'aquelle Eden de innocencia em que tinha vivido. A letra de Julia,
uma letra linda, perfeita, natural. figurava-se-me um agregado de sinaes cabalisticos terri-veis que incerravam o mysterio da minha con-demnação.

Vesti-me, fui, achei-me so com Julia no parlour elegante de seu exclusivo uso.

Era um pequeno gabinete de estudo, ornado, somente de umas etagères com livros e musicas, uma harpa e um cavallete.

Sôbre o cavallete estava o meu retratto esboçado, na estante da harpa uma romança franceza a que eu tinha feito letras portuguezas...

A urna asoviava sôbre a mesa, Julia fazia o cha e não parecia attender a mais nada.

É preciso que eu te descreva a piquena Ju-liia — Julietta como nós lhe chamavamos — nós, as duas irmãs e eu que rivalizávamos a qual lhe havia de querer mais...

Oh! que saudade e que remorso para toda a
minha vida n'estas recordações de fraternal intimidade!

Julia era piquena, delicadíssima, propriamente infantina no rosto, na figura, na expressão é no hábito de toda a sua incantadora e diminutiva pessoa.

Nenhuma ingleza, desde o tempo da rainha Bess, teve pé e ancle mais delicado. Nenhuma, desde o rei Alfredo, se ocupou tam elegantemente dos elegantes cuidados de um interior britannico — gentil quadro 'de genero' como não ha outro.

Lady Julia R. era a mais piquena e a mais bonita subdita britannica que eu creio que tenha existido.

Vista à lua, no meio do seu parque, volteian-do por entre os raros exóticos que no curto verão inglez se expoem ao ar livre, facilmente se tomava pela bella soberana das fadas realizando aquella preciosa visão de Shakspeare, o 'Midsummer night's dream.'
Seus olhos de azul celeste, sempre humidos e sempre doces, os cabellos de um claro e asse-dado castanho todos soltos em anneis á roda da cabeça e cahindo pelos hombros, espalhando-se pelo rosto, que era uma lida continua para os tirar dos olhos, um corpo airoso, uma bôcca de beijar, os dentes miudos, alvissimos e aperta-dos, a mão piquena estreita, e de cera—tudo isto fazia de Julia um typo ideal de bondade, de candura, de innocencia angelica.

E era um anjo... oh se era!

Contemplei-a muito tempo em silencio: ella surria-me tristemente de vez em quando, mas não fallava. Emfim almoçámos, levaram o trem.

Ella disse á sua aia:

—'Phebe, eu estou só com Carlos; e quero estar só. Em casa para ninguem.'

—'Sim, minha senhora.' Resposta obrigada do criado inglez a tudo.

E ficámos sos completamente.
CAPÍTULO XLVI.

Carta de Carlos a Joanninha: continua.

Julia levantou finalmente para mim os seus olhos humidos, assombrados das mais longas e assedadas pestanas que ainda vi em olhos de mulher, e disse-me:
— 'Carlos, eu estou triste. Devia consolar-me; diga-me alguma coisa que me console. Falle-me.'

— 'Que heide eu dizer?..'

— 'É um cavalheiro, Carlos: diga-me que o é, e desassombre-me deste terror em que estou.'

— 'Pois duvida, Julia?..'

— 'Não duvido. Queremos-lhe todos muito aqui... muito demais... receio: como havemos de duvidar?'

— 'Oh Julia, perdoe-me!' exclamei eu lançando-me a seus pés, tomando-lhe as mãos ambas nas minhas, e beijando-lh'as mil vezes n'um paroxysmo de verdadeira contricção. 'Perdoe-me, Julia: bem sei que fiz mal, e prometto...'

— 'Não prometta nada, senão que hade ser cavalheiro. Isso sei eu e sinto que o pôde cumprir.'

— 'Juro por... por ella.'
— 'Ella!.. Ella ama-o, Cé ros. É melhor dizer a verdade de uma vez, e incarar todas as consequências de uma posição difícil, do que iludir-se a gente sem as evitar. Laura ama-o, mas não deve nem pôde ama-lo. Se fosse livre, não sei o que diria — não sei o que faria eu... Mas não se tratta de mim' — prosseguiu com volubilidade febril — não se tratta de mim, Cárlos, tratta-se della. Laura não o pôde amar, está compromettida. Hade partir em tres mezes para a India.'

— 'Para a India!'

— 'Sim: é verdade: velo-ha. O seu noivo é capitão ao serviço da companhia, e parte em casando.'

Eu sentia-me morrer o coração dentro do peito: foi a primeira dor verdadeira d'alma que soffri... Aquelle era o primeiro amor sincero da minha vida, e aquella foi tambem a primeira excruciante pena d'amor por que passei.

Eu que de tais penas zombára sempre, que as desterrava da realidade para os romances, eu!...
Ai! que poeta ou que novelista soube nunca pintar um padecer, como eu experimentei n'aquella hora?

Não sei o que fiz nem o que disse; não me recordo senão que senti as lagrymes de Julia cahirem-me sobre a face e misturarem-se com as minhas que corriam em abundancia. Levantei os olhos para ella, e a expressão que vi nos seus... oh! como a heide esquecer nunca?

Quanto ha de piedade e compaixão no thesouro infinito de um coração feminino se, derramava d'aquelles olhos celestes para me consolar. Lá não ficava senão uma tristeza profunda, desanimada e mortal...

Não sei que vago pensamento, que idea louca... ou antes, que presentimento indeterminado e confuso me atrevesou pelo espirito — ou seria pelo coração? — n'aquelle momento...

Se Julia?...

Mas não pôde ser.
— 'Julia, Julia' bradei eu 'quero vê-la': heide vê-la uma vez ao menos. Não me negue este último favor. Sei que devo, que preciso, que é forçoso fugir d'ella. Mas antes heide dizer-lhe...

— 'O quê?..'

— 'Que a amo como nunca amei, como nunca mais heide amar...'

— 'Ai Carlos!'

— 'Que para sempre, sempre...'

Júlia levantou-se sem dizer palavra, e lançando sôbre mim um olhar de ineffavel compaixão, saiu rapidamente do quarto.

Achei-me so, não sei o que pensei nem se pensei. Sentia-me aturdido da cabeça, exhausto do coração — n'uma depressão d'espirito que tocava na estupidez. Se me apontassem uma pistola aos peitos, não levantava o braço para a arredar... Já não sentia pena nem desejo. Parecia-me que começava a morrer; e não achava que morrer custasse muito.
N'este estado fiquei não sei que tempo; muito não foi. Percebi que se abria a porta, não tive força para levantar os olhos. Até que senti uma doce e querida mão na minha... era Julia... e era Laura também... sancto Deus! que estavam aopé de mim ambas.

Julia tinha a minha mão na sua; e Laura incostada ao hombro da irmã, deixava cabir sobre mim aquelas olhos em que a severidade habitual se tinha relaxado n'uma indulgência tão doce, n'uma compaixão tão celeste que, juro por Deus, n'aquella hora acreditei firmemente que tinha deante de mim dois anjos seus, baixados nas azas da piedade divina para me trazer todo o perdão, toda a misericordia do ceo à minha alma.

Como te direi eu, Joanna, querida Joanninha, como te direi a ti que me amas, a ti que eu amo — porque te amo, e Deus me castigue que deve! porque te amo, cegamente te amo com este infame e abominável coração que Elle me deu — como te heide eu dizer a ti, e para quê, as palavras que alli dissemos, os protestos
que alli fiz, os juramentos que alli se deram, as promessas que alli foram trocadas?

Julia foi para a janella — indulgente chaperão que nos não via e fingia não nos ouvir. O dia passou-se assim, um longo dia de junho que tanta curto e rápido nos pareceu. Era noite quando somos jantar.

Á mesa Laura apareceu em trajes de viagem: partia n’aquella noite para o paiz de Vilalles onde tinha uma amiga, com quem ia estar até o dia terrível, e preparar-se para elle, me disse, longe de mim, no seio da amizade.

Imagine-se aquelle jantar. Nem comer fingiamos. Ao sahir da mesa achámos á porta da casa a caleche posta, o cocheiro na almofada, e o criado á portinhola. Montámos, as tres irmans e eu.

Eram duas milhas d’alli á estalagem onde tocava a malla-posta e onde Laura devia incontrá-la. Fizemo-las sem proferir palavra nenhum dos quatro.
A lua ia grande e bela com sua luz triste e fria por um céu sem nuvens. Era uma d’aquelas noites raras, mas admiráveis do breve estio britânico.

A areia que rangia com o atrito das rodas da carruagem nas lisas ruas do parque, os ramos descahidos das árvores por que roçávamos levemente ao passar, os veados mansos que se levantavam para nos ver — os phaesães que erguiam seu rasteiro voo de moita para moita ao sentir o estalido do chicote, com que o cocheiro mais moderava do que excitava os seus cavallos, tudo para mim eram impressões de nunca sentida e inexplicável tristeza. Ficava-me a alma apoz tudo aquilho, sentia fugir-me a felicidade para sempre, e que era eu que a afugentava, e que me ia encontrar so, desamparado e proscripto no deserto da vida.

Não me sentia força para blasphemar, para maldizer de Deus, senão tinha-o feito.

Tinha: e outras ancias mais angustiadas e mortaes me tem afligido na vida; em nenhuma
me senti tam capaz de renegar de Deus e des-
crer d'elie como n'esta.

Seria effeito de sua inexhaurivel piedade que
talvez quiz acudir á minha alma antes que se per-
desse , seria por certo — pois n'esse mesmo ins-
tante distinctamente me appareceu deante dos
olhos d'alma a unica imagem que podia chamá-lo
do abysmo: era a tua, Joanna! Era a minha
Joanninha piquena, Innocente, aquelle anginho
de c rainsa, tam viva, tam alegre, tam graciosa
que eu tinha deixado a brincar no nosso valle:
o nosso valle rustico, tam grosseiro e tam incul-
to! oh como as saudades d'elle me foram alcan-
car no meio d'aquellas allinhadas e perfeitas bel-
lezas da cultura britannica! Os raios verdes de
teus olhos, faiscantes como esmeraldas, atraves-
sara m o espaço, e foram luzir no meio d'aquell'ou-
tros lumes que me cegavam. A esteva brave, o tojo
aspero da nossa charneca mandavam-me ao longe as
exhalações de seu perfume agreste, e matavam o
suave cheiro do feno macio d'essas relvas sem-
pre verdas que me rodeavam. As folhas crespas, sêc-
cas, alvacentas das nossas oliveiras como que me
luziam por entre a espessura cerrada da luxu-
riante vegetação do norte, promettendo-me paz
ao coração, anunciando-me o fim de uma peleja em que m’o dilaceravam as paixões.

E tu, Joanna, tu, pobre inocente, e desvalida criançinha, tu aparecias-me no meio de tudo isso, extendendo para mim os teus bracinhos amantes, como no dia que me despedira de ti n’esse fatal, n’esse querido, n’esse doce e amargo valle das minhas lagrymas e dos meus risos, onde so me tinham de correr os poucos minutos de felicidade verdadeira da minha vida, onde as verdadeiras dores da minha alma tinham de m’a cortar e destruir para sempre...

Oh! de quê e como é feito o homem, para quê e porque vive elle? Que vim eu, que viramos nós todos fazer a este mundo?

Eu sentado alli nas almofadas de seda d’aquella splendida e macia carruagem, rodeado de tres mulheres divinas que me queriam todas, que eu confundia n’uma adoração mysteriosa e mystica—cego, louco d’amores por uma d’ellas, no momento de lhe dizer adeus para sempre... eu tinha o pensamento fixo n’uma criançã que ainda andava ao colo!—Revendo-me nos olhos pardos de Laura que eu
adorava, eram os teus olhos verdes que eu tinha n'alma! Os suíçidos todos embriagados d'aquele perfume de luxo e civilização que me cercava, — era o nosso valle rustico e selvagem o que eu tinha no coração...

Oh! eu sou um monstro, um aleijão moral deveras, ou não sei o que sou.

Se todos os homens serão assim?

Talvez, e que o não digam.

Joanna, minha Joanna, minha Joanninha querida, anjo adorado da minha alma, tem compaixão de mim, não me maldigas. Não quero que me perdoes, nem tu nem ninguém, que o não mereço; mas que tebas dó e lástima de mim.

Ai! que isso mereço eu, oh sim.

Deixa-me parar aqui. Falta-me o ânimo para me estar vendo a este terrível espelho moral em que jurei mirar-me para meu castigo, d'onde estou copiando o horroroso retratto de minha alma que te desenho n'este papel.
Sabia que era monstro, não tinha examinado por partes toda a hecíondez das feições que me reconheço agora.

Tenho espanto e horror de mim mesmo.
CAPÍTULO XLVII.

Carta de Carlos a Joanninha: continua.

Chegámos ao Inn (estalagem), triste casa solitária no meio dos campos à borda da estrada. A malla chegava ao mesmo tempo quasi.

Eu dei a mão a Laura para sahir da caleche
e entrar no coche; e apenas tivemos tempo para um convulsivo shake-hands e para nos dizer adeus! adeus! com a affectada secura que exige a lei das conveniencias britannicas.

A malla partiu ao grande trote... E dir-te-hei a verdade ou queres que minta? Não, heide dizer-te a verdade. Pois senti como um alívio desesperado, uma consolação cruel em a ver partir. Sentí o que imagino que deve sentir um inferno depois da operação dolorosa em que lhe amputaram parte do corpo com que ja não podia viver, e que era forçoso perder ou perder a vida.

Também deve de ser assim a morte: um descanso apathico e nullo depois de inexplicável padecer.

Era como morto que eu estava; não sofría pois.

E ja não pensava em ti, ja te não via na minha alma: eu não existia, estava allí.

Voltámos ao parque; apei silenciosamente as minhas duas gentis companheiras, e eu fui so,
apé, com passo firme e resoluto para a minha habitação. Nenhuma d'ellas me procurou retter, nem me disse nada, nem tentou consolar-me. Para quê?

L. William R. chegava, na manhã seguinte, de uma de suas habituaes excursões a Londres. Veio ver-me assim que chegou, e trazer-me cartas de Portugal que eu esperava ha muito. — Disse-me que partia no outro dia para Swansea, a terra de Galles para onde Laura fora; e que me incarregava de fazer companhia às duas filhas que ficavam sos.

A mim !

Estive tres dias sem as ver: em todos tres não fiz mais do que escrever a Laura.

No quarto dia fui ao parque. Julia deu um grito de alegria quando me viu: raro exemplo de excepção ás formuladas regras que tyrannizam a vida inglesa, que prescrevem até a cara com que se hade morrer, e teem graduado o tom em que se deve exalar o último suspiro.

Mas a natureza chega a triumphar às vezes até da propria etiqueta britannica.

TOMO II. 14
Júlia cuidava que eu não queria voltar àquela casa, tinha-se resignado a não tornar a ver-me; não pôde reprimir a alegria que lhe causou a minha inesperada aparição.

Passámos todo o dia juntos e sos: quasi todo se nos foi passeando no parque, ou sentados à sombra de seus espessos arvoredos, ou mirando-nos nas cristalinas águas de uma vasta represa povoada de aves aquáticas e rodeada d'aquelles inmensos mantos de velludo verde de que perpetuamente se infeita a terra ingleza e que so desaparecem quando vem o hínverno extender-lhe porcima seus lençoes de neve.

Quiz ver o que eu escrevia á irman; dei-lhe a carta, leu-á, meditou-á, restituiu-m'a sem dizer palavra.

Que horas passámos n'este silencio, n'esta eloquente mudez que não vem senão do muito de mais que a alma sente, do muito de mais que diria se faliasse!

Á despedida, essa noite, deu-me uma bolsa de rede que Laura tinha estado fazendo para mim
e que lhe deixára para me intregar. Senti que tinha dentro o que quer que fosse a bolsa, não quiz examinar. Achei, quando voltei a casa, que era o fadado cinto de vidrilhos pretos que eu tanto tinha admirado em certo baile onde forramos juntos, e que Laura não deixára de pôr nunca mais em se vestindo de branco e que fizesse alguma toilette.

Ainda o conservo aquelle cinto precioso, Joanna; ainda a tenho, no meno tesouro mais guardado, aquella joia, aquella reliquia. E amo-te, e amo-te a ti só como realmente nunca amei nem poderei tornar a amar. Mas aquelle cinto é uma sorte, um talisman, um amuleto em que está o meu destino.

Amei... isto é, amei... pois sim, amei, já que não há outra palavra n'estas estúpidas línguas que fallam os homens; pois amei outras mulheres, e nos dias de maior entusiasmo por elhas, não deixei nunca de beijar devotamente aquelle cinto, de o appertar sobre o meu coração, de me incomendar a elle—como o saltador napolitano se incomenda ao escapulario da madona que traz ao peito, com as
mãos insanguentadas de matar, ou carregado do roubo que acaba de fazer.

Ai, Joanna, não te digo eu que estou perdido, sem remédio, e que para mim não ha, não pode haver salvação nunca?

Vivi assim dois mezes. Laura não me escrevia: recebia as minhas cartas e respondia a Julia: por este modo nos correspondíamos. Julia era parte de nós, era uma porção do nosso amor, vivíamos n'ella a nossa vida. E ja as confundia ambas por tal modo no meu coração que me surpreendia a não saber a qual queria mais. Julia parecia feliz d'este estado: eu era-o. Insensivelmente me habituei a elle, ja não tinha saudades do passado. E quando se aproximou o casamento de Laura, que ella tinha de voltar de Galles, e que eu, fiel ao que prometêra, devia pretextar negócio urgentíssimo em Londres que me obrigasse a ausentar-me até à sua partida para a India, eu tive uma pena, uma dificuldade em cumprir o que prometêra que me invergonhava.

Parti porém; e alli me demorei um mez. Julia escrevia-me todos os dias e eu a ella. Na vés-
pera do dia fatal em que Laura ia ser de outro homem, Julia escreveu-me estas palavras sos: —

' O nosso romance acabou; começa uma história séria. Laura manda-lhe o seu último adeus.'

E nunca mais se escreveu nem se pronunciou o nome de Laura entre nós dous.

O galeão que me levava para o Oriente as ruínas de toda a minha esperança ha muito que navegava; entrava outubro e o hiverno inglês com com suas mais ásperas, e n'este anno tam precoces, severidades. Eu sentia-me morrer de tristeza e de isolamento no meio da populosa e turbulenta Londres, Julia percebeu-o, e me mandou-me voltar a —shire. Voltei.
CAPITULO XLVIII.

Carta de Carlos a Joanninha: continúa.

que eu senti quando; apesar de tam desfigurados pelos tres-altos de neve que os cubriam, comecei a reconhecer aquelles sitios da vizinhança do parque, e a confrontar as árvores, os pastios, os casaes d’aquelles arredores!
Era outra a expressão de physionomia da paisagem, mas as queridas feições eram as mesmas, e uma a uma láh'as ia estremando.

Em sim o meu stage parou á entrada do parque, e eu tomei apê pela longa avenida. Eram nove horas da manhan, e a manhan brumosa, fria, mas o tempo macio, não estava cru, segundo a expressiva phrase do paiz.

Por entre a nevoa que me incubria a antiga mansão e involvia as árvores circumstantes n'um sudario cinzento e melancholico, fui caminhando, quasi pelo tacto, até meia alameda talvez.

Parei a reflectir na minha posição e no que eu ia ser n'aquella casa que de novo me abria suas portas hospitaleiras, quando, atravéz da neblina brançacenta e onde ella era mais rara, descubri um vulto que vinha a mim de entre as árvores do parque.

O vulto era de mulher e parecia uma sombra, uma apparição phantastica em meio d'aquella scena mysteriosa, so, triste.
Na distância figurava-se-me alto em demasia: Julia não era nem podia ser; Julia a mais diminuta e delicada de quantas fadas bonitas e graciosas teem trazido varinha do condão, Laura... ai! Laura tam longe estava d'alli... Quem seria pois? So se fosse!.. Quem?

Aquella elegancia, aquelle cabello sôlto e anel-lado, aquelle ar gentil não podia ser senão d'ella...

D'ella, quem?

Ainda te não fallei, quasi, da ultima das tres bellas irmaus que me incantavam, não t'a descrevi, não t'a nomeei pelo seu nome. Repugnava-me fazê-lo. Mas é preciso: custo-me, não há remedio.

Era Georgina...

Georgina que tu conheces, Georgina que... era Georgina a que vinha a mim n'aquella— fatal ou feliz? — manhan; Georgina que de todas tres era a que menos me fallava, que eu verdadeiramente menos conhecia.
Este meu coração, á força de ferido e de maturado que tem sido, pressente e adivinha as mudanças de tempo com uma dor chronica que me dá. Pressenti não sei quê ao ver approximar-se Georgina...

— "Como foi bom em vir! Estou realmente feliz de o ver. E Julia, a pobre Julia, que alegria que vai ter, hade cura-la de todo."

— "Pois quê! Julia está doente?"

— "Não o sabia!... Ai! não; bem sei que não: ella não lh'o quis dizer. Julia está doente; mas não é de cuidado. Eu sempre quis advir-ti-lo antes que a visse, por isso calculei as horas do coche e vim para aqui esperá-lo."

Estas palavras eram simples, não tinham nada que me desse impressionar extraordinariamente, e todavia eu sentia-me agitado como nunca me sentiria. Olhava para Georgina como se a visse a primeira vez, e pasmava de a ver tam bella, tam interessante.

É uma situação d'alma ésta que não sei que
a descrevessem ainda poetas nem romancistas: desprezam-n'a talvez, ou não a conhecem. Está recebido que as subitas impressões causadas por um primeiro incontro sejam as mais interessantes, as mais poéticas.

Eu não nego o efeito theatrical d'essas primeiros e repentinas sensações; mas sustento que interessa mais ess'outra inesperada e estranha impressão que nos faz um objecto ja conhecido, que viramos com indiferença atéalli, e que derrepente se nos mostra tam outro do que sempre o tínhamos considerado...

Mas ésta mulher é bella realmente! E eu que nunca o vi! Mas aquelles olhos são divinos! Onde tiunha eu os meus atégora? Mas este ar, mas ésta graça onde os tinha ella escondidos? etc. etc.

Vão-se gradualmente, vão-se pouco a pouco descobrindo perfeições, incantos; o sentimento que resulta é mil vezes mais profundo, mais fundado, sobretudo, que o das taes primeiras impressões tam cantadas e decantadas.

Que mais te direi depois d'isto? Entrámos
em casa, vi Julia, falamos de Laura muito e muito. Mas eu ja o não fiz com o entusiasmo, com a admiração exclusiva com que d'antes o fazia...

Julia recobrou, breve, a saude, e com ella o equilíbrio do espírito. Renovou-se toda a alegria, todo o incanto das nossas conversações íntimas, dos nossos longos passeios. Laura lembrava com saudade; mas suavizava-se, imbrandecia gradualmente aquella saudade.

Georgina, que até alli parecia impenhar-se em se deixar eclipsar pela irman, agora, ausente ella, brilhava de toda a sua luz, em graça, em espírito, por um natural singelo e franco, por uma exquisita doçura de maneiras, de voz, de expressão, de tudo.

Julia revia-se n'ella, e eu acabei pela adorar. Vergonha eterna sobre mim! mas é a verdade: quiz-lhe mais do que a Laura, ou pareceu-me querer-lhe mais... que tanto vale.

Eu sei?.. Não, não lhe queria tanto. Mas amei-a.
Amei, sim, e fui amado!

Tres mezes durou a minha felicidade. É o mais longo período de ventura que posso contar na vida. Falsa ventura, mas era.

A imperiosa lei da honra exigiu que nos separássemos, que partísse para os Açores. Fui. Ninguem sacrificou mais, ninguem deu tanto como eu para aquella expedição. A historia fará de muitos serviços, de muitas dedicações. Quem saberá nunca d'esta?

A historia é uma tola.

Eu não posso abrir um livro de historia que me não ria. Sôbre tudo as ponderações e adivinhações dos historiadores acho-as de um comico irresistible. O que sabem elles das causas, dos motivos, do valor e importância de quasi todos os factos que recontam?

Ainda não sei como parti, como cheguei, como vivi os primeiros tempos da minha estada n'aquelle escôlho no meio do mar, chamado a ilha
Terceira, onde se tinham refugiado as pobres reliquias do partido constitucional.

Habituai-me por fim. A que se não aflaz o homem?

Levaram-me uma tarde à grade de um convento de freiras que ali havia. O meu ar triste, distrabido, indiferente excitou a piedade das boas monjas. Uma d'ellas, jovem, ardente, apaixonada, quiz tomar a empresa de me consolar. Não o conseguiu, coitada! O meu coraço estava em—shire em Inglaterra, estava na India, estava no valle de Santarem,

Pelo mundo em pedaços repartido; estava em toda a parte, menos ali, que nada d'elle estava nem podia estar.

Era Soledade que se chamava a freirinha, e como o seu nome ficou. Disseram o que quizeram os falladores que nunca faltam, mas mentiram como mentem quasi sempre, inganaram-se como se inganam sempre.

Eu não amei a Soledade.
E comtudo lembro-me d'ella com pena, com sympathia... Se eu sou feito assim, meu Deus, e assim heide morrer!

Viemos para Portugal; e o resto agora da minha historia sabes tu.

Cheguei porfim ao nosso valle, todo o passado me esqueceu assim que te vi. Ameite... não, não é verdade assim. Conheci, mal que te vi entre aquellas árvores, á luz das estrellas, conheci que era a ti só que eu tinha amado sempre, que para ti nascera, que teu so devia ser, se eu ainda tivera coração para te dar, se a minha alma fosse capaz, fosse digna de juntar-se com essa alma d'anjo que em ti habita.

Não é, Joanna; bem o ves, bem o sentes, como eu o sinto e o vejo.

Eu sim tinha nascido para gozar as docuras da paz e da felicidade doméstica; fui criado, estou certo, para a glória tranquilla, para as delicias modestas de um bom pae de familias.

Mas não o quiz a minha estrella. Embriagou-se de poesia a minha imaginação e perdeu-se: não me recobro mais. A mulher que me amar
hade ser infeliz por força, a que me intregar o seu destino, hade vê-lo perdido.

Não quero, não posso, não devo amar a ninguém mais.

A desolação e o opróbrio entraram no seio da nossa família. Eu renuncio para sempre ao lar doméstico, a tudo quanto quiz, a tudo quanto posso querer. Deus que me castigue, se ousa fazer uma injustiça, porque eu não me fiz o que sou, não me talhei a minha sorte, e a fatalidade que me persegue não é obra minha.

Adeus Joanna, adeus prima querida, adeus irmão da minha alma! Tu accompanies nossa avó, tu consola esse infeliz que é o auctor da sua e das nossas desgraças. Tu, sim, que podes, e esquece-me.

Eu, que nem morrer ja posso, que vejo terminar desgraçadamente esta guerra no único momento em que a podia abençoar, em que ella podia felicitar-me com uma balla que me mandasse aqui bem direita ao coração, eu que farei?

Creio que me vou fazer homem político, fal-
ar muito na patria com que me não importa, ralhar dos ministros que não sei quem são, pal-
rar dos meus serviços que nunca fiz por vontade; e quem sabe?... talvez darei por fim em agiota, que é a única vida de emoções para quem já não pôde ter outras.

Adeus minha Joanna, minha adorada Joanna, pela última vez, adeus!
De como Carlos se fez barão. — Fim da história de Joanninha. — Georgina abbadessa. — Juízo de Fr. Diniz sobre a questão dos frades e dos barões. — Que não pôde tornar a ser o que foi, mas muito menos pôde ser o que é. O que hade ser, Deus o sabe e proverá. — Vai o A. dormir ao Cartaxo. — Sonho que ahí tem. — Volta a Lisboa — Caminhos de ferro e de papel. — Conclusão da viagem e d'este livro.

Acabei de ler a carta de Carlos, intreguei-a a Fr. Diniz em silencio. Elle tornou-me:

— 'Leu?'
'Li.'

— 'Que mais quer saber? Sinto que lhe posso dizer tudo: não o conheço, mas...'

— 'Mas deve conhecer-me por um homem que se interessa vivamente...'

— 'Em quê? nas eleições, na agiotagem, nos bens nacionaes?'

— 'Não senhor. Fui camarada de Carlos, não a vejo há muitos annos e...'

— 'Nem o conhecia se o visse agora: ingordou, inriqueceu, e é barão...'

— 'Barão!'

— 'É barão, e vai ser deputado qualquer dia.'

— 'Que transformação! Como se fez isso, sancto Deus! E Joanninha e Georgina?'

— 'Joanninha inlouqueceu e morreu. Georgi-
na é abbadessa de um convento em Inglaterra.'

— 'Abbadessa?'

— 'Sim. Converteu-se à comunhão catholica, era ricca, fundou um convento em — shire e lá está servindo a Deus.'

— 'E está pobre senhora, a avó de Joanninha?'

— Ahi está como a ve, morta de alma para tudo. Não ve, não ouve, não fala, e não conhece ninguém. Joanninha veio morrer aqui n'esta fatal casa do valle, eu estava ausente, expirou nos braços della e de Georgina. Desde esse instante a avó caiiu n'aquelle estado. Está morta, e não espero aqui senão a dissolução do corpo para o interrar, se eu não for primeiro, e Deus queira que não! quem hade tomar conta d'elle, ter charidade com a pobre da demente? Mas depois... oh! depois... espero no Senhor que se compadeça emfim de tanto soffrer e me leve para si.'

— 'Mas Carlos?!
Carlos é barão: não lhi'o disse já?

— 'Mas por ser barão?..'

— 'Não sabe o que é ser barão?'

— 'Oh se sei! Tam poucos temos nós?'

— 'Pois barão é o succedaneo dos...'

— 'Dos frades... Ruim substituição!'

— 'Vi um dos taes papeis liberaes em que isso vinha: e é a unica coisa que leio d'essas ha muitos annos. Mas fizeram-m'o ler.'

— 'E que lhe pareceu?'

— 'Bem escripto e com verdade. Tivemos culpa nós, é certo; mas os liberaes não tiveram menos.'

— 'Errámos ambos.'

— 'Errámos e sem remedio. A sociedade já não é o que foi, não pôde tornar a ser o que
era: — mas muito menos ainda pôde ser o que é.
O que hade ser, não sei. Deus proverá.'

Ditto isto, o frade benzeu-se, pegou no seu breviário e poz-se a rezar. A velha dobava sempre, sempre. Eu levantei-me, contemplei-os ambos alguns segundos. Nenhum me deu mais atenção nem pareceu consciência da minha estada ali.

Sentia-me como na presença da morte e at-terrei-me.

Fiz um esforço sobre mim, fui deliberadamente ao meu cavallo, montei, piquei desesperado d'esporas, e não parei senão no Cartaxo.

Incontrei allí os meus companheiros; era tarde, fomos ficar fora da villa à hospedeira casa do Sr. L. S.

Rimos e folgámos até alta noite: o resto dormimos a somno sôlto.

Mas eu sonhei com o frade, com a velha — e com uma enorme constellação de barões que luzia n'um ceu de papel, d'onde choviam, como
sarrapos de neve, n'uma noite pollar, notas azues; verdes, brancas, amarellas, de todas as côres e matizes possíveis. Eram milhões e milhões e milhões...

Nunca vi tanto milhão, nem ouvi fallar de tanta riqueza senão nas mil e uma noites.

Acordei no outro dia e não vi nada... so uns pobres que pediam esmola à porta.

Metti a mão na algibeira, e não achei senão notas... papeis!

Parti para Lisboa cheio de agoiros, de inguiços e de tristes presentimentos.

O vapor vinha quasi vazio, mas nem por isso andou mais depressa.

Eram boas cinco horas da tarde quando desimbarcámos no Terreiro-do-Paço.

Assim terminou a nossa viagem a Santarem; e assim termina este livro.
Tenho visto alguma coisa do mundo, e apontado alguma coisa do que vi. De todas quantas viagens porém fiz, as que mais me interessaram sempre foram as viagens na minha terra.

Se assim o pensares, leitor benevolô, quem sabe? pôde ser que eu tome outra vez o bordão de romeiro, e va perigrinando por esse Portugal fora, em busca de histórias para te contar.

Nos caminhos de ferro dos barões é que eu juro não andar.

Escusada é a jura porém.

Se as estradas fossem de papel, fa-las-iam, não digo que não.

Mas de metal!

Que tenha o governo juízo, que as faça de pedra, que pôde, o viajaremos com muito prazer e com muita utilidade e proveito na nossa boa terra.
NOTAS

AO LIVRO SEGUNDO.

Nota A.

Ficámos sem Nibeiuungen................ pag. 3,

Collecção de antigas rhapsodias germânicas contendo o maravilhoso e poético de suas origens históricas e que é para os povos helenos o que era a Iliada para os helenos. Se se não sabe o nome do Homero.
allemão que as rodiguê e uniformizou como hoje se acham.

**Nota B.**

Caranguêjar para as Lamas.................... pag. 3.

Fundo baixo do Tejo, ao longo da praia de Santtos, que tem este nome, e é onde vão apodrecer as car-cassas dos navios velhos e já inuteis.

**Nota C.**

Os pés no *fender*.......................... pag. 4.

Fender se chama em inglez a pequena e baixa tea de metal que defende o fogão nas salas, paraque não caiam brazas nos sobrados. Descançam n'elle os pés naturalmente quando a gente se está confortavelmente aquecendo em liberdade.

**Nota D.**

Perfumados resplendores do *Old sack*....... pag. 5.

Tem-se disputado muito sobre qual seja a bebida espiritiosa celebrada por Shakspeare tantas vezes com este nome. A opinião mais acccita é que fosse Lea e velha aguardente de França.
Nota E.

Renegaram de San'Tiago por castelhano.... pag. 5.

O grito de guerra commum a todas as nações christiãns hespanholas era: San'Tiago! Quando na acessão da casa de Avis nos alliámos intimamente com a Inglaterra contra Castella, começámos a invocar San' Jorge.

Nota F.

Vacca e riso de Fr. Bartholoméu dos Martyres, pag. 9.

Singela e original expressão do sancto arcebisco n'uma carta de convite a um seu amigo. Fez-se, como devia ser, proverbial ésta phrase.

Nota G.

Feliz expressão do Sr. Conde de Raczinski. pag. 124.

Na sua obra intitulada ‘Les arts en Portugal’, Paris 1845.

Nota II.

O centro perde o centro de gravidade, o barbas ar-repella as barbas................. pag. 127.

Centro e barbas são qualificações e nomes de impregos theatraes.
ÍNDICE.

CAPÍTULO XXVI — Modo de ler os auctores antigos, e os modernas também. — Horacio na sacra-via. — Duarte Nunes iconoclasta da nossa historia. — A policia e os barcos de vapor. — Os vandalos do feliz systema que nos rege. — Shkspeare lido em Inglaterra a um bom fogo, com um copo de old-sack sobre a banca. — Sir John Flastaff se foi maior homem que Sancho-Pansa? — Grande e importante descuberta archeologica sobre San'Tiago, San'Jorge e Sir John Falstaff. — Próva-se a vinda d'este último a Portugal. — O entusiasta britannico no tumulo de Heloisa e Abeillard no Père-la-Chaise. — Bentham e Camões. — Chega o auctor á sua janella, e pasmosa miragem poetica produzida por umas oitavas dos Lusiadas. — De como em fim proseguem estas viagens para Santarem, e que feito será de Joanninha ................


CAPÍTULO XXVIII — Depois de muito procurar

TOMO II.
acha em fim o auctor a egreja de Santa-Maria d'Alcácova. — Stylo da arquitectura nacional perdido. — O terremoto de 1755, o marquez de Pombal e o chafariz do Passeio-público de Lisboa. — O chefe do partido progressista portuguez no alcassar de D. Afonso Henriques. — Deliciosa vista dos arredores de Santarem observada de uma janella da Alcácova, de manha. — É tomado o auctor de ideas vagas, poeticas, phantasticas como um sonho. — Introducção de Fausto. — Difficuldade de traduzir os versos germanicos nos nossos dialectos romanos.................................


CAPITULO XXX — Historia de Sancta Iria segundo os chronistas e segundo o romance popular 39

— Voltemos à história de Fr. Diniz e da menina dos olhos vendes ................. 49


CAPÍTULO XXXIII — Carlos e Georgina. Explicação. — Jate não-amor! palavra terrível. — Que o amor verdadeiro não é cego. — Frade no caso outra vez. Ecce iterum Crispinus; ca está o nosso Fr. Diniz comosco ................. 69

CAPÍTULO XXXIV — Carlos, Georgina e Fr. Diniz. — A peripécia do drama ................. 79

CAPÍTULO XXXV — Reunião de toda a família. — Explicação dos mistérios. — O coração da mulher. — Parricidio. — Carlos beija em fim a mão a Fr. Diniz e abraça a pobre da avó. ...... 87


CAPÍTULO XXXVII — A Graça e sua bella facha-
da gothica. — Sepultura de Pedr'álvares Cabral. — Outro barão que não é dos assignalados. — Egreja do Sancto-milagre. — Bellos medalhões mosarebes. — De como, chegando o prior e o juiz, houve o A. vista do Sancto-milagre, e com que solemnidades. — Monumento da muito alta e poderosa princesa a infanta D. Maria da Assumpção. — Casa onde succedeu o milagre convertida em capella do stylo philippino. — O homem das botas, e o que tem elle que haver com o Sancto-milagre de Santarem. — Admiravel e graciosa esperteza da regencia do Rocio. — Aaoun-el-Arraschid; e theoria dos governus folgasões, os melhores governos possíveis. — Veia o paladio scalabitano de Lisboa para Santarem......

a lógica é a mais perniciosa de todas as inco-
herências

CAPÍTULO XXXIX — Processo de scepticismo em
que está o auctor. — Moralistas de requiem. —
O maior sonho d’esta vida, a lógica. — Difere-
rença do poeta ao Philosopho. — O coração de
Horácio. — O collegio de Santarem. — Jesui-
tas e templarios. — O alliado natural dos reis.
— ‘Ficar na gazeta’ phrase muito mais exa-
cta hoje do que ‘Ficar no tinteiro. — San’Frei
Gil e o Doutor Fausto. — De como o A. foi ao
tumulo do sancto bruxo e o achou vazio. —
Quem o roubaria?

CAPÍTULO XL — As Claras. — Aventura nocturna.
— Se as freiras mettem medo aos liberaes?
O Psalmo. — Tres frades. — Práctica do fran-
ciscano. — O corpo de San’Fr. Gil. — Que se
hade fazer das freiras? — Mal do governu que
deixar comer mais aos barões.

CAPÍTULO XLI — O roubador do corpo do sancto
descuberto pela arguta prespicacia do leitor
benevolo. — Grande lacuna na nossa historia.
— Porque se não preenche? — Página preta
na historia de Tristam Shandy — Novellas e
romances, livros insignificantes. — O adro de
San’Francisco e as suas acacias. — Que será
feito de Joanninha? — O peito da mulher do
norte. — Vamos embora: ja me infada Santarem e as suas ruinas. — A corneta do soldado
e a trombeta do juizo final. — Eheu, Portu-


Capítulo XLIV — Carta de Carlos a Joanninha. 177
Capítulo XLV — Carta de Carlos a Joanninha: continua ........................................ 187
Capítulo XLVI — Carta de Carlos a Joanninha: continua ........................................ 195
Capítulo XLVII — Carta de Carlos a Joanninha: continua ......................................... 207
Capítulo XLVIII — Carta de Carlos a Joanninha: continua ........................................ 215
Capítulo XLIX — De como Carlos se fez barão.
— Fim da história da Joanninha. — Georgina abbadessa. — Juizo de Fr. Diniz sobre a questão dos frades e dos barões. — Que não pôde tornar a ser o que foi, mas muito menos pode ser o que é? O que hade ser, Deus o sabe e proverá. — Vai o A. dormir ao Cartaxo. — Sonho que ahí tem. — Volta a Lisboa. — Caminhos de ferro e de papel. — Conclusão da viagem e d'este livro .................................................. 227
Notas ................................................................................................................. 237
<table>
<thead>
<tr>
<th>Pag.</th>
<th>Lin.</th>
<th>Erros.</th>
<th>Emendas</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>2</td>
<td>11</td>
<td><em>et mos</em></td>
<td><em>est mos</em></td>
</tr>
<tr>
<td>27</td>
<td>5</td>
<td><em>San’João d’Alpiarça</em></td>
<td><em>San’João do Alporão</em></td>
</tr>
<tr>
<td>17</td>
<td>13</td>
<td><em>egre a</em></td>
<td><em>egreja</em></td>
</tr>
<tr>
<td>50</td>
<td>4</td>
<td><em>recordam</em></td>
<td><em>memoram</em></td>
</tr>
<tr>
<td>62</td>
<td>5</td>
<td><em>stil</em></td>
<td><em>still</em></td>
</tr>
</tbody>
</table>
Almeida Garrett, João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett
Viagens na minha terra

PLEASE DO NOT REMOVE CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY